

## **ACERCA DA INEVITABILIDADE HISTÓRICA DE “UM PAÍS, DOIS SISTEMAS”**

*Leong Wan Chong\**

### **1. INTRODUÇÃO**

A partir dos anos 80 do século XX, uma nova expressão política, nunca antes ouvida, “Um país, dois sistemas” apareceu na comunicação social chinesa e mundial. Antes disso, era uma temática ausente em dicionários chineses e estrangeiros e em fontes escritas. Mesmo no meio académico ocidental não houve ninguém que se atrevesse a encaminhar os seus pensamentos neste sentido. A 3.ª Sessão Plenária do 11.º Congresso Nacional do Partido Comunista da China, que teve lugar nos finais de 1978, sob a presidência e orientação de Deng Xiaoping, começou a pôr as coisas em ordem, com reformas radicais. Ao promover o espírito científico de procurar a verdade a partir dos factos e estabelecer como o único critério da verdade a prática, lançaram-se com audácia e determinação as novas linhas de reforma e abertura. Mais tarde, “Um centro (a construção económica), dois pontos essenciais (o empenho nas reformas e na abertura)” e “o desenvolvimento é a única razão a toda a prova” foram adoptados como os princípios de orientação básica para o desenvolvimento do Estado chinês. Já lá vão mais de 20 anos. Durante este período, o rápido desenvolvimento e as grandes mudanças que a China viveu não tiveram antecedentes seja ao longo da história da China, seja a nível internacional. Hoje em dia, no seu conjunto, a China já atingiu a um certo nível de bem-estar mínimo, tornando-se assim numa

---

\* Assessor superior do Reitor da Universidade de Macau e membro da Comissão da Lei Básica de Macau do Comité Permanente da Assembleia Nacional Popular.

das potências económicas mundiais e numa parte inalienável do mercado internacional. Os sucessos do desenvolvimento da China não só dizem respeito directamente à mudança do destino do povo chinês e ao melhoramento do seu bem-estar — note-se que estamos a falar de um povo que totaliza 1 300 milhões de habitantes —, mas também constitui uma grande força motriz da evolução da civilização mundial. Em termos económicos e materiais, a China percorreu um caminho de grande sucesso. Nas áreas políticas e culturais, as experiências do desenvolvimento chinês dão corpo à teoria de Deng Xiaoping, um sistema científico e integral que se traduz na teoria do socialismo com características chinesas.

Deng Xiaoping passou à história como um dos gigantes do século XX. Os seus méritos são objecto dum respeito generalizado por parte do povo chinês e da sociedade internacional. A ideia de “Um país dois sistemas”, que constitui parte importante da teoria de Deng Xiaoping, além de ser o princípio orientador da reunificação pacífica da nossa pátria, revelou ter uma vitalidade inigualável durante o processo da reintegração de Hong Kong e Macau na Pátria-Mãe e no desenvolvimento das duas regiões administrativas especiais de Hong Kong e Macau. Como uma testemunha das supracitadas grandes mudanças, e na qualidade de residente oficial numa das duas zonas experimentais e pioneiras de “Um país, dois sistemas”, a nossa compreensão e experiência de “Um país, dois sistemas” é mais directa e concreta. Neste momento, apesar da importância da compreensão e experiência empírica, a compreensão e experiência racional revela-se mais indispensável, pois só mediante a compreensão completa e correcta, em constante evolução, é que se pode levar a cabo “Um país, dois sistemas”, de acordo com a intenção inicial e livre de desvios que possam ser criados por mal-entendidos. Por isso, estudos e intercâmbios aprofundados e sistemáticos sobre esta teoria constituem uma condição importante para que o nosso Governo possa governar com base em leis, tornando-se assim numa interface, através da qual os habitantes das nossas regiões especiais possam proceder à construção do sistema legal, fazendo com que seja uma coisa de grande importância, indispensável na vida política e social da nossa região especial.

“Empenhar-se em unir todas as forças uníveis e reforçar sem cessar a força aglutinadora da nação chinesa; manter ao alto as bandeiras do patriotismo e do socialismo; reforçar a grande unidade de todas as etnias

chinesas e consolidar e desenvolver uma Frente Unida patriótica o mais ampla possível; reforçar os laços com os partidos democráticos e com os independentes; levar a cabo trabalhos em relação às minorias étnicas, bem como trabalhos religiosos e trabalhos junto das comunidades chinesas do ultramar; empenhar-se na orientação de “Um país, dois sistemas”; mobilizar todos os factores positivos e lutar em conjunto pela grande empresa da reunificação da Pátria-Mãe e pelo grande renascimento da nação chinesa”. Este conjunto de propostas é uma das 10 experiências básicas sintetizadas, que pertencem ao período de reforma e abertura, dos últimos 5 anos e que se estenderá por mais 20 anos, como indica o relatório de trabalhos do 16.º Congresso Nacional do Partido Comunista da China.

Ao falar de socialismo, não nos podemos desviar do patriotismo. Dando realce ao patriotismo, não se pode abandonar o socialismo. Em certo sentido, o que se chama socialismo com características chinesas é, exactamente, o socialismo mais o patriotismo. O aumento da grande unidade levada a cabo sob estas duas grandes bandeiras, o reforço da força aglutinadora, a Frente Unida patriótica, a promoção da grande empresa de grande reunificação pacífica da Pátria-Mãe e o grande renascimento da nação chinesa constituem as experiências mais bem sucedidas na governação do país, nas condições actuais e, também, constituem uma herança racional, porque se pretende continuar e desenvolver a antiga cultura chinesa e o antigo pensamento oriental.

No mundo de hoje, subsistem mais de um milhar de povos em fases de desenvolvimento diferentes, que formam aproximadamente 200 países com sistemas diferentes. A par do aceleramento do processo civilizacional da humanidade, a globalização económica, a democratização política e a aculturação representam a grande tendência do desenvolvimento a nível global, tornando-se um objectivo que goza duma procura comum, cada vez mais reconhecida e num fenómeno social generalizado, que ultrapassa todos os limites fronteiriços, étnicos, religiosos, etc. Neste momento e nestas circunstâncias, vemo-nos obrigados a reflectir com mais consciência sobre as órbitas do desenvolvimento e as perspectivas da nossa nação. Não podemos deixar de observar reflexivamente, com a maior profundidade possível, as façanhas e as experiências dos nossos antepassados, os preços e as lições pagas, a fim de nos servirmos, atempadamente, de maneira racional e científica, das oportunidades que se nos

deparam para novos desafios e avanços. Com a sabedoria moderna e com os ideais modernos, vamos idealizar direcções de desenvolvimento para a nossa nova era, a fim de adoptar uma estratégia de desenvolvimento com o menor prejuízo e o maior benefício. Temos de fazer aquilo que devemos e podemos ser capazes de fazer. Temos de “Concentrar-nos na construção e pensarmos de corpo e alma no desenvolvimento”, numa tentativa de encontrar um caminho de progresso social com “poupança de energia”, promovendo, assim, o grande renascimento da nação chinesa, a fim de chegarmos a um “Mundo de Grande Harmonia”, rico, democrático e civilizado.

## **2. ACEITAR E ABSORVER TUDO E PROCURAR SEMELHANÇAS PARA MANTER AS DIFERENÇAS — UMA LITERACIA NUCLEAR DO PENSAMENTO TRADICIONAL CHINÊS**

Não foi por acaso que “Um país, dois sistemas” e todo o pensamento teórico de Deng Xiaoping surgiram na China contemporânea. Não se trata dum fenómeno isolado, mas, antes, possui profundas raízes socio-culturais e lógico-teóricas, que não só constituem uma continuação e desenvolvimento dos pensamentos e teorias de Marx, Lenine e Mao Zedong, como também são resultado inevitável da transmissão milenar, herança e desenvolvimento da tradicional cultura chinesa. Por isso, a resolução dos problemas de Hong Kong e Macau, dois legados da história, constitui uma vitória sem antecedentes tanto da filosofia de “Um país, dois sistemas” e do sistema teórico de Deng Xiaoping, como da civilização chinesa, caracterizada por um pensamento tradicional, que consiste em procurar semelhanças para manter as diferenças e, assim, beneficiar com ambas.

Falando da nossa nação, devemos reconhecer o suficiente a sua diversidade, mas é preciso reconhecer a uniformidade e a integridade da sua estrutura, assim como a identidade e os pontos comuns do seu destino e dos seus interesses. Como bem destaca o famoso sociólogo Fei Xiaotong: A nação chinesa é uma nação que engloba “muita diversidade num mesmo conjunto”. Por “diversidade”, entende-se que a nação chinesa não é um bloco homogéneo, mas sim um conjunto composto por 56 minorias étnicas irmãs. Por “conjunto”, entende-se um bloco orgânico. Por que é que a “diversidade” consta deste “conjunto”? Repare-se que este “conjunto” não tem sido efémero. Sobreviveu durante vários milha-

res de anos e sobreviverá através dos tempos. Em suma, o que esteve em acção foi a força aglutinadora da nação chinesa<sup>1</sup>. “A nação chinesa é um conjunto de 56 minorias nacionais. A força aglutinadora desta grande família multi-étnica surgiu na base da identidade dos interesses comuns e de cada etnia e tem-se desenvolvido mediante prolongados intercâmbios, integrações e assimilações, sobretudo tem-se formado e desenvolvido na luta prática contra inimigos comuns e na construção de novas sociedades. É preciso destacar que os 56 membros da nação chinesa, “apesar de terem modos de vida diferentes, línguas diferentes e culturas diferentes, alimentam o mesmo desejo de ter um país unificado, respeitam e estudam a cultura tradicional da etnia Han, como o corpo da nação chinesa. Isto quer dizer que todos os membros da nação chinesa possuem uma literacia comum, fruto de uma mesma base cultural, com valores e modos de pensar praticamente iguais, o que tem sido condição decisiva para a criação e o desenvolvimento da força aglutinadora da nação chinesa”<sup>2</sup>. As minorias étnicas não só viveram um processo de intercâmbio, integração e assimilação ao longo dos tempos com a etnia Han, mas também com outras minorias étnicas, tais como os Mongóis e Manchus, que estabeleceram poderes centrais, respectivamente a Dinastia Yuan, no poder por 162 anos e a Dinastia Qing, por 267 anos.

A nação chinesa é a mais representativa de todas as nações, norteadas por um forte ideal de reunificação. Há 3 000 anos, foi lançada ideia da “Grande reunificação da China”. A reunificação constitui uma exigência comum da maioria dos chineses ao longo da história. Todas as etnias detentoras do Poder Central, fizeram tudo ao seu alcance para estabelecer o equilíbrio, afeiçoar estrangeiros e aumentar a unificação. A procura da unificação nacional e estatal constitui uma das principais características da nação chinesa e a base para a manutenção da sua força aglutinadora. O historiador britânico Arnold J. Toynbee afirma: “Os chineses, ao longo de milhares de anos, mais do que qualquer outra nação do mundo, conseguiram, com grande sucesso, reunir centenas de milhões de habitantes em termos políticos e culturais. Eles bem mostraram esta capacidade da unificação política e cultural e possuem experiências inigualáveis”<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Zhang Lei e Kong Qingrong, «Estudos sobre a força aglutinadora da nação chinesa», Pequim, Editora das Ciências Sociais da China, 1999, p. 3.

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Firbank, «Os Estados Unidos da América e a China», Pequim, Editora Conhecimentos Universais, 1998, p. 8.

O historiador norte-americano Firbank também destaca: “Apesar da imensidão territorial e diversidade paisagística da China, este subcontinente manteve desde sempre um conjunto político unificado e a Europa nunca o conseguiu, o que não é de estranhar, pois o modo de vida que une toda a China é muito mais forte e enraizado do que o nosso ocidental. Tem sobrevivido, desde a antiguidade e ao longo dos tempos e tudo aponta para que sobreviva no futuro”<sup>4</sup>.

A cultura chinesa é uma noção globalizante com conotações muito amplas, que resulta dum conjunto de ideias coincidentes, sábias e profundas. Portanto, resulta de lutas conjuntas e esforços conjugados, ao longo de milhares de anos, por parte da nação chinesa, que tem sido civilizada e aberta, revelando amor-próprio e grande tolerância. É, também, o resultado acumulativo dum processo de purificação de grandes assimilações, contributos e inspirações. Portanto, a sua diversidade dentro do conjunto é muito marcante. “O que se chama a diversidade dentro de um conjunto é uma característica geral da cultura chinesa e significa: Tomar a história, as penalidades, o destino, os esforços e os ideais da nação chinesa como a artéria e o pensamento na mesma língua materna e a cultura tradicional como o corpo. Trata-se de uma nova cultura, baseada na herança e renovada duma maneira continuada. É progenitora e múltipla ao mesmo tempo, com características multiétnicas, multiregionais, multimodais, multilinguísticas e multiformes, que bem patenteiam a sabedoria humanística dos chineses e as luzes civilizacionais”<sup>5</sup>. A cultura chinesa possui uma característica marcante de “unidade mais diferença”, o que constitui uma herança da filosofia confuciana de “os cavalheiros podem estar unidos, mantendo sempre as suas diferenças, enquanto que a população pode ser diferente, mas nunca unida”. O corpo é uno, é a união, a energia vital e a base; as mil e uma formas são os números, a diferença, as características vantajosas próprias, a complementaridade e as acções interactivas. Esta cultura foi criada em conjunto por todos os membros da grande família chinesa. Também é a força motriz da ligação e boa vizinhança entre todos os povos chineses e do seu desenvolvimento conjunto. A partir dos finais do século XX, quando Hong Kong

---

<sup>4</sup> Feng Tianyu e Yang Hua, «Órbitas do desenvolvimento da cultura chinesa», Edições do Povo de Shanghai, 2000, p. 2.

<sup>5</sup> Yang Kuanghan, «Interacções das diversidades num conjunto», na acta «História e Desenvolvimento de Macau», p. 15.

e Macau foram sucessivamente reintegrados na China, a cultura tradicional chinesa adquiriu mais um componente: a cultura de “Um país, dois sistemas” de Hong Kong e Macau, que é de carácter regional e com a característica marcante advidado intercâmbio entre a China e o resto do Mundo.

A cultura chinesa com o seu carácter inigualável e a sua peculiaridade enriqueceu grandemente a civilização mundial e é, por isso, uma das principais culturas à escala mundial. A cultura chinesa forneceu a base material para a civilização moderna ocidental e, em vários aspectos, foi a fonte directa de algumas ciências e tecnologias modernas ocidentais. “Antes do século XV, a civilização oriental, representada pela cultura chinesa, batia aos pontos a civilização ocidental da época. Desde a Dinastia Han até ao início da Dinastia Ming, a ciência e tecnologia chinesa estava muito adiantada em relação ao resto do mundo e assim se manteve por mais de 14 séculos”<sup>6</sup>.

É certo que desde o movimento renascentista europeu, a civilização ocidental avançou a passos largos e mudou o equilíbrio dos quadros político e económico do mundo, no entanto, os progressos da civilização da humanidade nunca foram isolados, como bem frisou Needham: “As ciências e tecnologias modernas viveram um período preparativo que se prolongou durante vários séculos. Neste período, toda a Europa assimilou conhecimentos académicos dos árabes, do pensamento indiano e das técnicas industriais chinesas”<sup>7</sup>.

A cultura chinesa tem-se prolongado durante vários milhares de anos e contribuiu grandemente para a civilização mundial. Entre os seus maiores contributos podem-se destacar a fabricação de papel, a imprensa, a pólvora e a bússola, que foram as 4 grandes invenções da China antiga. Ao mesmo tempo, devem ser considerados, também, como contributos chineses o diversificado sistema filosófico, simples e prático, da antiga China, bem como as tolerantes, animadoras e calorosas tradições rituais. As 4 grandes invenções da China antiga são símbolos da cultura chinesa. São as maiores criações técnicas que a nação chinesa ofereceu ao mundo. Com a sua divulgação, alterou-se a estrutura civili-

---

<sup>6</sup> Jiang Zemin, «Aumentar as literacias científicas de toda a nação chinesa», in «Prefácio para a Coleção de Divulgação Científica de Académicos das Academias Centrais».

<sup>7</sup> «Diálogos entre o Oriente e o Ocidente», Pequim, Livraria Vida, Leitura e Conhecimentos Novos, 1992, p. 6.

zacional da humanidade, por isso desempenharam funções revolucionárias no processo histórico mundial.

Não só em aspectos tecnológicos, mas também em áreas mais profundas, tais como, a filosofia ética, o pensamento político, o sistema da selecção de funcionários civis e os ideais humanistas, pôde a cultura chinesa fornecer grandes inspirações para o desenvolvimento e amadurecimento da cultura ocidental. O alemão Gottfried Wilhelm Leibniz disse, com toda a franqueza: “Nós descobrimos na nação chinesa a mais bela ética, isto é, a nação chinesa tem uma ética superior”<sup>8</sup>. Pelos vistos, estudiosos ocidentais começam a repensar o seu posicionamento face à cultura chinesa, porque “A força aglutinadora e a tolerância, próprias da cultura chinesa talvez sejam o melhor antídoto para o egocentrismo com que o Ocidente realça os direitos e as liberdades pessoais”<sup>9</sup>. Evidentemente, o comportamento constante, digno e exemplar que a nação chinesa tem revelado ao não atribuir qualquer importância às conquistas militares e a sua defesa das influências espirituais possuem um grande significado a nível mundial.

### **3. EXPLORAR AO MÁXIMO OS RECURSOS E CONCENTRAR A SABEDORIA — A PRÁTICA E O DESENVOLVIMENTO DO IDEAL DA FRENTE UNIDA**

Na China, a Frente Unida e a Conferência Consultiva Política Popular da China são duas expressões muito frequentes na vida social e política e, também, são dois termos que toda a gente gosta de usar com certa despreocupação. A Frente Unida e a Conferência Consultiva Política Popular da China como um ideal e um regime bem sucedidos são expressões constantes da Constituição da República Popular da China:

“No prolongado processo da revolução e construção da China, formou-se uma ampla Frente Unida patriótica, sob a direcção do Partido Comunista chinês, composta por partidos democráticos e grupos populares, que inclui todos os construtores do socialismo, os patriotas que apoiam o socialismo e os patriotas que defendem a reunificação da Pátria-Mãe. Esta Frente Unida continua a aumentar e a ser consolidada. A

---

<sup>8</sup> Feng Tianyu e Yang Hua, op. cit., p. 18.

<sup>9</sup> Fang Yujun, «Da China para o Mundo», Edições do Povo de Guizhou, 2000,

Conferência Consultiva Política Popular Chinesa é uma organização, com ampla representatividade dentro da Frente Unida. No passado, desempenhou importantes funções históricas, que serão desenvolvidas no futuro, na vida política estatal, social e nas actividades amistosas com o resto do mundo, assim com na construção e modernização do socialismo e na luta pela reunificação da nação e pela unidade. A cooperação entre os partidos políticos e o sistema de consulta política, sob a direcção do Partido Comunista da China, manter-se-á durante muito tempo, em desenvolvimento contínuo.”

No dia 12 de Setembro de 1997, Jiang Zemin, no seu relatório político, apresentado ao 15.º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês frisou ser necessário: “Empenhar-se na cooperação entre os partidos políticos e o sistema de consulta política, sob a direcção do Partido Comunista Chinês, a fim de a aperfeiçoar; empenhar-se na orientação de ‘Coexistência a longo prazo e na vigilância mútua, lealdade e devoção mútuas e compartilhar de honras e desonras’; reforçar a cooperação com os partidos democráticos, consolidar a nossa alianças com as personalidades sem filiação partidária: promover a regulamentarização e institucionalização da consulta política da Conferência Consultiva Política Popular da China, a vigilância democrática, a participação política e a consultadoria política, fazendo com que tudo isto se transforme num importante canal para o Partido Comunista da China manter a sua unidade com todos círculos sociais; por fim, consolidar e reforçar a ampla Frente Unida. Daqui se pode retirar 4 conclusões: primeira, o discurso de Jiang Zemin constitui uma prova de que o sistema da consulta política do partido no poder aos outros partidos com participação política deve ser mantido durante prolongado tempo e deve ser constantemente aperfeiçoado; segunda, de acordo com a orientação dos 16 caracteres, a cooperação entre o Partido Comunista da China e os outros partidos democráticos e a aliança entre o Partido Comunista e os independentes caracteriza-se pela durabilidade, interdependência e lealdade mútua, etc.; terceiro, a promoção das 3 grandes tarefas de consulta política, vigilância democrática e participação política concretizadas pela Conferência Consultiva Política Popular devem ter garantias de regulamentarização e institucionalização; quarto, na nova era, a composição e as actividades da Frente Unida deve ter o patriotismo como finalidade e como critério.

O estatuto de talismã e o papel importante da Frente Unida são comprovados repetidamente pela história e pela prática. Não só tem sido talismã para a vitória sobre os inimigos na luta pelo poder, como também um indispensável trunfo da conquista e desenvolvimento da vitória no período de construção pacífica. O processo de prática — conhecimento e nova prática — reconhecimento, é, cada vez mais, aceite por um grande número de pessoas. Pela chamada Frente Unida entende-se “uma aliança política, formada por classes ou camadas sociais diferentes, partidos políticos, grupos, até nações e estados para concretizar, com base em interesses comuns, certos objetivos políticos. Em suma, a Frente Unida é uma aliança entre determinadas forças políticas sociais”<sup>10</sup>. Como destacou, com muita profundidade, Deng Xiaoping: “A Frente Unida ainda é um talismã muito importante. Ele não pode ser debilitado, mas deve ser reforçado. Não pode ser reduzido, mas deve ser aumentado. Trata-se de uma aliança generalizada entre todos os trabalhadores do socialismo, os patriotas que apoiam o socialismo e os patriotas que defendem a reunificação da Pátria”<sup>11</sup>. Por isso, a Frente Unida é uma ciência da luta intelectual, também é resultado do pensamento de abertura, sendo uma concretização dos ideais de vitória e progresso comum. É uma grande literacia e a importante característica do sistema intelectual da nação chinesa.

A aplicação do sistema de consulta política, sob a orientação do Partido Comunista chinês, aos restantes partidos é uma política básica. Trata-se dum sistema que o Partido encontrou para corresponder às circunstâncias do país e é uma característica chinesa bem marcante. Na China, além do Partido Comunista, o partido no poder, há, ainda, 8 partidos democráticos, que têm participação no poder político, nas consultas para definir as grandes orientações do Estado, nas candidaturas dos dirigentes do Estado, na gestão dos assuntos de Estado e na definição e aplicação de orientações e políticas estatais, assim como de leis e diplomas legais. Relativamente aos outros partidos democráticos, o Partido Comunista aplica uma política básica de “Coexistência a longo prazo e vigilância mútua, lealdade e devoção mútuas e a partilha de honras e desonras”. O Partido Comunista da China, no poder, que dirige um país

---

<sup>10</sup> Reproduzido do site do Departamento da Frente Unida do Comité Central do Partido Comunista da China.

<sup>11</sup> Reproduzido de «Conferência Consultiva Política Popular da China», n.º 10 de 2002, p. 21.

com 1 300 milhões de habitantes, precisa muito de ouvir vozes diferentes e de se sujeitar à vigilância dos diferentes sectores sociais. A coexistência a longo prazo que o Partido Comunista mantém com os restantes partidos democráticos é, precisamente, para efeitos de vigilância mútua. “Para o Partido Comunista ouvir, com frequência, opiniões de outros partidos é benéfico para detectar a tempo erros cometidos e os corrigir, para concentrar a sabedoria da maioria, para a democratização e cientificação das decisões e para evitar e superar a corrupção. A prática comprova que um partido no poder, só tem a ganhar se puder contar com a cooperação de outros partidos, com a coexistência a longo prazo e a vigilância mútua, o que traz benefícios tanto ao sistema do partido como à política democrática chinesa”<sup>12</sup>.

A partir dos anos 90 do século XX, os outros partidos democráticos foram reconhecidos como partidos com participação política, dada a necessidade de acelerar as reformas, a abertura e a modernização, de modo a realizar, a um ritmo acelerado, a grande missão histórica de conseguir o renascimento da nação chinesa. Assim, a amplitude e a profundidade da Conferência Consultiva Política Popular chinesa na vida política aumentou. A Conferência Consultiva possui vantagens sistemáticas indiscutíveis, tais como, grande número de recursos humanos qualificados, detentores de amplos e profundos conhecimentos que lhe permitem proceder a estudos de alguns dos problemas mais gerais e decisivos; grande representatividade, com um imenso caudal de informações que refletem opiniões, desejos e exigências das grandes massas populares de todos os sectores sociais e, por isso, pode tomar uma posição independente, com visão alargada, viabilizadora de opiniões e sugestões relativamente objectivas, além de amplos contactos com todos os sectores sociais e a comunicação directa com o Comité Central do Partido Comunista chinês, servindo de canal democrático, entre outras tantas funções.

Em Novembro de 2000, aquando da visita de Li Ruihuan à Região Administrativa Especial de Hong Kong, este frisou: “A nossa nação, com 5 000 anos de civilização, tem sobrevivido, apesar de muito sofrimento e tem sido inquebrantável, mesmo enfrentando inúmeras circunstâncias adversas, porque temos um pensamento universal e pro-

---

<sup>12</sup> Li Rui Huan, «Discurso proferido durante a visita à Turquia», despacho telegráfico de 2 de Maio de 2001 da Agência Noticiosa Nova China.

fundo e uma grande força aglutinadora latente. Caso a China queira desenvolver-se e levantar-se, devemos dar continuação às boas tradições da nação chinesa, sobretudo é preciso promover a “paz e a assimilação” e destacar a unidade”<sup>13</sup>.

A aplicação de “Um país, dois sistemas” implica uma autonomia de alto grau, uma novidade e uma dificuldade, uma prática e inovação ao mesmo tempo, por isso é preciso, sob a condição prévia do empenho nos princípios fundamentais, realçar a aliança e a unidade, numa tentativa constante de melhorar o critério do relacionamento existente, de criar um ambiente social de maior tolerância e maior aglutinação, para reunir os resultados de uma concretização civilizacional, que se traduzem em recursos humanos, financeiros e materiais e para os mostrar ao mundo numa forma multiposicional, multigradual e multidireccional numa perspectiva de “paz e assimilação”, tolerantes, bondosas e magnânimes. Isto deve merecer a nossa atenção, porque só pondo a “tolerância” em primeiro plano se pode dar lugar a uma concorrência justa, dissolver contradições, diminuir os atritos e impedimentos nas marchas em frente e regular, numa maneira eficaz, o armazenamento e a libertação da sabedoria, a fim de concretizar, quanto antes, o renascimento da nação chinesa, assumida como uma grandiosa empresa da Humanidade.

#### 4. “UM PAÍS, DOIS SISTEMAS” — CRISTALIZAÇÃO DA SABEDORIA POLÍTICA DE 3 GERAÇÕES DE DIRIGENTES ESTATAIS

##### 4.1. *DIPLOMACIA PACÍFICA — ÁREA DE ACTUAÇÃO DE MAIOR SUCESSO NA NOVA CHINA*

Num processo de sondagens e procuras que se prolongou por mais de um século, o povo chinês tinha apenas 2 objectivos: o primeiro, a independência nacional e a reunificação nacional, terminando com a situação em que fora agredido e humilhado; o segundo, a prosperidade e ressurgimento e o enriquecimento comum, livrando-se do destino da fome e da pobreza. Estes dois objectivos são condições de reciprocidade. Sem derrubar as “3 grandes montanhas” que pesavam sobre o povo chinês, sem deitar a baixo o antigo regime governamental, sem a realização da independência nacional e a reunificação nacional, não havia condições

---

<sup>13</sup> Li Rui Huan, «Discurso proferido durante a entrevista com personalidades de Hong Kong», in «Conferência Consultiva Política Popular da China», n.º 12 de 2000, p. 6.

prévias nem para a prosperidade e enriquecimento do Estado, nem para o enriquecimento comum do povo, na realidade, nem sequer se podia falar nisso. Com um poderio económico e estatal insuficientes, as grandes massas populares não podiam enveredar pelo caminho do enriquecimento em pouco tempo, pois não havia oportunidade para se falar numa verdadeira independência nacional, nem numa verdadeira autonomia.

Do encontro entre o Oriente e o Ocidente nas últimas centenas de anos, adveio uma tendência amadurecida, cada vez mais aceite: perante disputas e antagonismos entre ideais e valores diferentes, protagonizados pelos corpos multiculturais, é preciso tentar procurar, identificar e aumentar os pontos comuns, ao mesmo tempo que pôr de parte, diluir e dissolver os pontos diferentes; é preciso tentar encontrar o ponto de equilíbrio e evitar os conflitos e a agudização das contradições. O mestre que promoveu estas acções racionais, destinadas à procura de pontos comuns em detrimento de pontos diferentes e forneceu a profunda inspiração ao pensamento moderno foi Zhou Enlai. Recorde-se a sua declaração a 30 de Setembro de 1950, na qual previu, em termos decisivos e justos, o apoio chinês à Coreia contra os Estados Unidos da América, em defesa da própria pátria chinesa, com as seguintes frases: “O povo chinês não tolera de maneira nenhuma invasões estrangeiras e, também, não deixará o imperialismo invadir arbitrariamente os países vizinhos. A China não pode fechar os olhos.” Da Conferência de Genebra das 5 grandes potências — a China, a União Soviética, os Estados Unidos da América, a Inglaterra e a França, passando pelo lançamento dos 5 princípios da coexistência pacífica até à Conferência Afro-Asiática de Bandung, na qual o País do Meio proferiu um discurso no sentido de procurar manter as semelhanças e as diferenças, a China foi consolidando a sua posição ao nível internacional. Há, ainda, que não esquecer a promoção das actividades da diplomacia popular com o Japão e com os Estados Unidos da América, como bem demonstrou a visita de Nixon à China e a assinatura do Comunicado Conjunto Sino-Norte-americano de Shanghai, em que cada país deu conta das suas posições. Esta política foi apelidada de “estilo diplomático de Zhou Enlai”, ficando o nome de Zhou Enlai intimamente ligado ao aumento do estatuto internacional da China. Os grandes sucessos da diplomacia da Nova China significam que a tradicional sabedoria da nação chinesa atingiu um grau de amadurecimento nunca antes conseguido. A abrangência e a profundidade da teoria diplomática 937

de Zhou Enlai e a sua prática firme e pragmática não têm precedentes na história das relações internacionais e na diplomacia, como bem frisou Qian Qichen: “A prática diplomática de Zhou Enlai bem pode, por assim dizer, ser um resumo da história da diplomacia da Nova China. O camarada Zhou Enlai bem merece ser considerado como o criador e o fundador da diplomacia da Nova China”<sup>14</sup>.

Somente com o empenho numa posição diplomática própria, independente e autónoma, baseada nas tradições e estilos diplomáticos próprios é que se pôde fazer com que a voz da China fosse respeitada nos assuntos internacionais e se pôde garantir que a soberania chinesa não sofresse nenhum dano.

Já nos primeiros tempos da fundação da República Popular da China, em função de alguma compreensão mecânica da estratégia “tudo dum lado”, Zhou Enlai destacou que tudo para um lado não queria dizer ficar do lado dum determinado país, mas sim do lado do socialismo, da nova democracia e da humanidade progressista. Isto significa que, em termos políticos, é preciso lutar pela união com todos os países do campo socialista. “Tudo dum lado” não quer dizer entregar-se nos braços de alguém e, também, não quer dizer depender de alguém, mas sim refere-se a posições e atitudes básicas a ser adoptadas em termos diplomáticos. Ele frisou: “«tudo dum lado» é a essência duma Frente Unida internacional para saber inequivocamente contra o quê e a quem se unir. Em relação aos países irmãos, quanto à estratégia, é preciso aliar-se a eles, mas em termos tácticos não se pode deixar de fazer críticas; a estratégia em relação aos países imperialistas é sempre de oposição, mas em determinados assuntos, a nível táctico, às vezes, também se pode optar por uma aliança. Não se pode estar incondicionalmente do lado da União Soviética ou numa oposição absoluta aos Estados Unidos da América”<sup>15</sup>. Em meados dos anos 50, Zhou Enlai disse que, quanto ao sistema social, nós decidimos enveredar pelo caminho socialista em detrimento do capitalista. Nesta questão não existe um meio-termo. Mas falando das relações internacionais, não podemos dizer simplesmente que tudo é bom nos países socialistas e tudo mau no resto do mundo, transformando, assim, os

---

<sup>14</sup> «Antologia Diplomática de Zhou Enlai», Pequim, Editora de Fontes do Comité Central do Partido Comunista da China, 1990, pp. 4 e 5.

<sup>15</sup> Li Hong, «Zhou Enlai — Mestre da Racionalidade e da Arte Diplomática», Pequim, Edições do Povo, 2000, p. 245.

dois mundos em duas chapas de ferro, em conflito e sem intercâmbios. Isto não é coexistência pacífica. Poderá dar origem a guerras. Assim se criam as tensões internacionais e a impossibilidade do desanuviamento das situações internacionais, o que não pode ser benéfico para nós<sup>16</sup>.

Nessa altura, Zhou Enlai era de opinião de que dentro dos dois grandes sistemas do Oriente e do Ocidente havia países grandes e pequenos, competindo, portanto, a adopção de um determinado sistema social ao povo de cada país, sem que os outros países pudessem interferir nisto. Qualquer intervenção provocaria maus resultados e, por isso, cada país devia, num ambiente internacional de coexistência pacífica, sujeitar um determinado sistema social a práticas sociais para saber qual é o melhor, fornecendo, assim, uma oportunidade de escolha ao povo. Baseando-se nestas reflexões amadurecidas sobre a questão em causa, o pensamento de Zhou Enlai sobre os 5 princípios da coexistência pacífica foi amadurecendo ao ponto de se tornar numa teoria sistemática, que orientava a estratégia chinesa em relação aos assuntos internacionais. O francês Serge Berthier, Presidente do Conselho Administrativo da revista «Asian Affairs» e, também, de “Oriental International Strategies”, afirmou que, relativamente às grandes mudanças surgidas na China desde a sua reforma e abertura, “...um dos factores (decisivos)<sup>17</sup> foi a boa capacidade de auto-organização ou auto-arranjo do Continente da China e o sucesso obtido nas reformas orgânicas e institucionais. Nisto, a China tem herdado elementos do seu pensamento e cultura peculiares e possui o seu próprio ideal político”. “O Continente chinês encontra-se numa fase muito interessante. Em termos económicos e culturais, acabaram as humilhações que pesaram sobre o país durante os últimos 150 anos. Trata-se dum renascimento, ou ressurgimento, e duma elevação. São méritos próprios. A chave é deixar de imitar ou plagiar outros. Desde os anos 80 do século XX, o Continente chinês deu formas novas a conteúdos antigos, permitindo, assim, uma boa tendência de desenvolvimento político e económico”<sup>18</sup>. No dia 31 de Dezembro de 1953, quando Zhou Enlai recebeu os membros das delegações da China e da Índia para conversações inter-governamentais, lançou pela primeira vez os famosos 5 prin-

---

<sup>16</sup> Idem, p. 273.

<sup>17</sup> Parêntesis nosso.

<sup>18</sup> Serge Berthier, «Como conhecer de maneira correcta a China e os problemas internacionais», in «China Rewiev», n.º de Janeiro de 2001, p. 84.

cípios da coexistência pacífica. Ele disse nessa altura: Logo desde a fundação da República Popular da China foram criados os princípios para regular as relações entre a China e a Índia, isto é, de respeito mútuo pela soberania territorial, não agressão mútua, não interferência mútua nos assuntos internos, igualdade e benefício mútuo e a coexistência pacífica.

“Os pontos básicos dos 5 princípios da coexistência pacífica são: Todos os países, independentemente de ser grandes ou pequenos, ricos ou pobres e independentemente dos seus regimes sociais e ideológicos, as culturas tradicionais e o caminho do desenvolvimento, devem estar em pé de igualdade, respeitar-se, manter relações de amizade e consulta, cooperação e benefício mútuo, procurar semelhanças para manter as diferenças, viver em boa vizinhança e opor-se a todas as formas de hegemonia e política para defender a paz mundial e promover os progressos da humanidade”<sup>19</sup>. Estes 5 princípios já são universalmente reconhecidos, na actualidade, na regulação das relações internacionais e vão ser as orientações que levarão as relações internacionais a enveredar por órbitas normais.

Com a publicação do Comunicado Conjunto Sino-Norte-americano de Shanghai, a 28 de Fevereiro de 1972, iniciou-se uma página completamente nova na história da diplomacia internacional, tanto assim foi que a visita de Nixon à China foi apelidada de “uma semana que mudou o mundo”. Pela primeira vez duas grandes nações do Oriente e do Ocidente apertaram as mãos, após “20” anos de ausência de contactos. Isto não só comprova que a Nova China começa a ir ao encontro do mundo, mas também constitui mais um sucesso da arte diplomática de Zhou Enlai. Sobre o problema de Taiwan, no Comunicado Conjunto, a parte chinesa reitera a sua posição: A questão de Taiwan constitui o problema-chave que tem impedido a normalização das relações entre a China e os Estados Unidos da América. O Governo da República Popular da China é o único governo legítimo; Taiwan é uma província chinesa e libertar Taiwan é um assunto interno da China, sem que nenhum outro país tenha qualquer direito a intervir nisto, por isso todas as forças armadas norte-americanas estacionadas em Taiwan devem retirar-se. No Comunicado Conjunto também se declara a oposição a qualquer actividade destinada a criar “uma China e um Taiwan”, ou “Duas Chinas”, ou actividades dirigidas para a “Independência de Taiwan”, bem como a

versão da “Incerteza do estatuto de Taiwan”. Enquanto que a parte norte-americana defende: Os Estados Unidos da América têm consciência de que todos os chineses dos dois lados do estreito de Taiwan acham que só existe uma China e que Taiwan faz parte do país. O Governo dos Estados Unidos da América não levanta qualquer objecção a esta posição e reitera a sua preocupação com a resolução pacífica do problema pelos próprios chineses. Levando em consideração esta perspectiva, os Estados Unidos da América fixam como o objectivo final a retirada de Taiwan de todas as suas forças armadas, bem como das instalações militares. Durante este período, à medida do desanuviamento das tensões desta região, vão reduzir a sua presença militar e instalações militares em Taiwan.” A cada parte expôr com clareza a sua posição constituiu uma inovação da arte diplomática de Zhou Enlai e é, também, uma inovação na história diplomática entre a China e o resto do mundo.

“Os aspectos básicos do pensamento diplomático de Zhou Enlai não somente lançaram alicerces teóricos para a política diplomática e as ciências diplomáticas da nova China, mas também moldaram os seus quadros gerais. Forneceram fundamentos importantes para os reajustes da política externa chinesa nos anos 80”<sup>20</sup>. Numa análise vertical, o pensamento diplomático de Zhou Enlai é completamente diferente do da velha China, sendo um desenvolvimento lógico da história da política internacional e do pensamento diplomático progressista da China moderna e contemporânea. Trata-se duma inovação *avant-garde*. Numa análise horizontal, verifica-se que o pensamento diplomático de Zhou Enlai tem uma diferença abismal em relação ao pensamento diplomático do capitalismo e uma grande diferença face ao pensamento diplomático da ex-União Soviética. O pensamento de Zhou Enlai recupera a tradição da nação chinesa e possui características chinesas”<sup>21</sup>.

Na era de Deng Xiaoping e nas duas décadas posteriores, a diplomacia pacífica, a diplomacia aberta e a diplomacia sem vencidos conseguiram novos avanços, fazendo com que a República Popular da China se tenha tornado cada vez mais num pólo do desenvolvimento global e tenha sido empurrada para o centro do cenário internacional.

---

<sup>20</sup> Idem, pp. 194 e 195.

<sup>21</sup> Idem, p. 337.

Numa palavra, o respeito mútuo pelas soberania, igualdade e benefício mútuo, bem como as trocas de benefícios mútuos, o procurar semelhanças para manter as diferenças, a coexistência pacífica e os novos conceitos de vitórias para todos os parceiros são as directrizes da diplomacia de novo tipo e, também, as melhores soluções para os problemas legados pela história. Estes princípios são, ao mesmo tempo, a sublevação e cristalização da antiga civilização chinesa e oriental em novas circunstâncias e a concretização do pensamento racional contemporâneo.

#### 4.2. DECISÕES IMPORTANTES REVELADORAS DE SABEDORIA POLÍTICA

À nação chinesa, que representa uma quinta parte da humanidade, deparam-se os objectivos de luta brilhantes e grandiosos. Era tarefa essencial, prevalecente sobre tudo o resto, reconstruir um país pobre e carenciado, fustigado pelas guerras e fazer com que os nossos compatriotas que se debateram, durante gerações — contra a miséria, as doenças, a ignorância e os atrasos — por uma vida decente, pudessem enriquecer o mais depressa possível. Pena é que ainda não tínhamos conseguido recuperar a economia fustigada pelas guerras e que, a nível internacional, já tinha sido imposta uma guerra aos chineses. Para fazer frente a esta guerra, que diz respeito à prosperidade ou à queda da nação, o povo chinês gastou os seus limitados recursos e valiosos anos. Vencemos a guerra, mas as sequelas prolongaram-se por mais de meio século. O problema de Taiwan complicou-se, devido à intervenção militar dos Estados Unidos da América. Tal como outros problemas correlativos, a solução para os problemas de Hong Kong e Macau ganha novos contornos, mais desafiantes, o que coloca a sabedoria dos dirigentes chineses à prova.

A par da promoção dos 5 princípios da coexistência pacífica a nível internacional e da diplomacia pacífica, a partir dos anos 50 do século XX, e além do empenho no grande princípio e na grande condição prévia de “Uma China”, a idealização da solução do problema de Taiwan conheceu duas viragens históricas: Primeiro, passou de “Libertaremos Taiwan” — uma solução à força — para uma reunificação pacífica com Taiwan; Segundo, da imposição do mesmo regime do Continente para a manutenção dos sistemas e regimes existentes, assim como, no que diz respeito à organização dos recursos humanos, que se traduzem, agora, num modelo de uma autonomia de alto grau. Os decisores máximos do Partido Comunista Chinês, representados por Mao Zedong e Zhou Enlai,

com base no empenho de “Uma só China”, ao prepararem-se para uma reunificação à força da China, nunca abandonaram os esforços duma solução política do problema de Taiwan. Por meio de todas as vias possíveis, tentaram solucionar rapidamente o problema de Taiwan e, também, manifestaram os contornos, cada vez mais claros, das primeiras ideias científicas duma resolução pacífica do problema de Taiwan.

Em meados dos anos 50, quando Mao Zedong era o decisor máximo do Estado, frisou em relação ao problema da libertação pacífica de Taiwan: “Sendo todos nós chineses, devemos optar pela paz, que é a melhor das 36 estratégias chinesas”. Em Abril de 1956, Mao Zedong lançou outros princípios, tais como, a nobreza de se dar prioridade à paz, pois todos os que amam a Pátria são da mesma família, o patriotismo, mais cedo ou mais tarde é sempre patriotismo, lealdade mútua, completa liberdade em ir e voltar, etc. Mao Zedong chegou a propor ao Partido Nacionalista uma terceira cooperação entre o Partido Nacionalista e o Partido Comunista, dizendo: “As nossas relações com Jiang Jieshi são também melindrosas. Temos de restabelecer relações de amizade e cooperação com ele. Já estabelecemos duas cooperações, porque não uma terceira?”<sup>22</sup> Em Outubro de 1958, Mao Zedong tornou a frisar: “Os assuntos dos chineses devem ser resolvidos pelos próprios chineses. Se não encontramos uma solução no momento, poderemos pensar resolver o assunto num prazo mais alargado, mediante consultas. Não há nada que não possa ser resolvido, com facilidade, entre os nossos dois partidos”.

Com base nas ideias de Mao Zedong, Zhou Enlai levou, durante muito tempo, à prática, de uma maneira aprofundada e completa, esta série de ideias, que lançaram os alicerces para a definição da teoria de “Um país, dois sistemas” por parte de Deng Xiaoping.

Em Abril de 1955, Zhou Enlai declarou: Caso as forças armadas norte-americanas se retirem de Taiwan, nós poderemos adoptar uma forma pacífica de libertar Taiwan. Se Jiang Jieshi aceitar, daremos as boas-vindas a qualquer representante que ele mande a Pequim para negociações. “Desde que Jiang Jieshi concorde com a reunificação pacífica da China, com a libertação pacífica de Taiwan e mande representantes a Pequim para negociações, temos certeza de que mesmo o próprio Jiang

---

<sup>22</sup> «Antologia Diplomática de Mao Zedong », Pequim, Editora de Fontes do Comité Central do Partido Comunista da China, 1994, pp, 274.

Jieshi pode ser perdoado pelo povo chinês, mas ele tem de reconhecer o governo popular central e não pode alegar ser o representante da China”<sup>23</sup>. A 13 de Maio, Zhou Enlai lançou, pela primeira vez, na 15.<sup>a</sup> Sessão do Primeiro Comité Permanente da Assembleia Nacional Popular esta ideia: A libertação de Taiwan pelo Exército Popular da China pode ter duas modalidades: guerra ou paz. O povo chinês prefere optar por uma libertação pacífica de Taiwan. “O relatório de Zhou Enlai significou o início de uma orientação estratégica, definida pelo Governo chinês de acordo com as condições históricas da época. A 30 de Julho do mesmo ano, Zhou Enlai destacou: ‘Desde que os Estados Unidos da América não intervenham nos assuntos internos da China, a possibilidade de uma libertação pacífica de Taiwan aumenta. Caso seja possível, o Governo chinês está disposto a consultar as autoridades responsáveis locais de Taiwan sobre os passos concretos da libertação pacífica do território”<sup>24</sup>.

Nos inícios dos anos 60, em repetidas ocasiões, Zhou Enlai insistiu em dizer que Taiwan é parte do território chinês e não pode ser um protectorado sob ocupação norte-americana, nem tão-pouco pode haver duas Chinas. Quanto a uma eventual terceira cooperação entre o Partido Nacionalista e o Partido Comunista, ele mostrou-se firme no empenho dos princípios e flexível na estratégia. Sistematizou e sintetizou muitos princípios lançados por Mao Zedong, dando origem à famosa fórmula de “Um programa com quatro pontos”. “Um programa” refere-se ao retorno de Taiwan à Pátria. “Quatro pontos” eram: 1. Após reintegração Taiwan na Pátria-Mãe, além da diplomacia que deve estar concentrada no Governo Central, os poderes político e militar, assim como da organização do pessoal, etc., competiriam a Jiang Jieshi; 2. O défice orçamental das autoridades militares e políticas, assim como da construção económica seria coberto pelo Governo Central; 3. As reformas sociais de Taiwan poderiam ser adiadas até ao aparecimento de condições amadurecidas e com base no respeito pelas opiniões de Jiang Jieshi e mediante consultas; 4. Ambas as partes se comprometeriam a não mandar agentes secretos para prejudicar as respectivas unidades

---

<sup>23</sup> «O pano de fundo de decisões importantes da República Popular da China», Edições do Povo de Jiangsu, 1996, p. 315.

<sup>24</sup> «Diário do Povo», edição de 31 de Julho de 1995.

internas.” Isto de facto teria sido já o primeiro esboço da concepção de “Um país dois sistemas”<sup>25</sup>.

“As ideias de Mao Zedong e Zhou Enlai de utilizar “Um país, dois sistemas” para resolver o problema de Taiwan conheceram um novo desenvolvimento”<sup>26</sup>. “Os pensamentos dos dirigentes da primeira geração do Partido Comunista da China sobre a libertação pacífica de Taiwan constituem fonte ideológica e alicerce teórico para a teoria de “Um país, dois sistemas”<sup>27</sup>. O chamado “um programa com quatro pontos” de há 40 anos veio a ser, não só o alicerce teórico de “Um país, dois sistemas” de Deng Xiaoping nas últimas duas décadas, mas também continua a ser, hoje em dia, o fundamento mais importante para uma solução pacífica do problema de Taiwan. Mais tarde, Zhou Enlai mandou, através de pessoas amigas, um recado a Chen Cheng nos seguintes termos: “Após o retorno de Taiwan à Pátria-Mãe, Taiwan poderia gozar dos maiores direitos autónomos. Além da diplomacia, os assuntos das forças armadas e da organização do pessoal seriam da competência dos amigos de Taiwan. Ele frisou: “As cartas enviadas no passado, apesar de terem sido escritas por alguns amigos pessoais, tinham o apoio do Governo. Os nossos cargos no Governo poderiam ser alterados, mas a nossa política para com Taiwan manter-se-ia inalterável”<sup>28</sup>.

“A passagem da decisão colectiva duma libertação armada de Taiwan, levada a cabo pelos dirigentes da primeira geração do Partido Comunista da China para uma política sistematizada e definitiva para com Taiwan, cujo núcleo é “um programa com quatro pontos”, representa um desenvolvimento da política do Partido Comunista Chinês para com Taiwan, lançando, sem dúvida, os alicerces para a definição da política nacional básica de “Um país, dois sistemas”, feita pelos dirigentes da segunda geração do Partido Comunista”<sup>29</sup>. Se fizermos uma comparação entre o “programa com quatro pontos” e “Um país, dois sistemas”, como polí-

---

<sup>25</sup> Li Hong, op. cit., p. 163.

<sup>26</sup> Ye Zicheng, «O pensamento diplomático da Nova China: De Mao Zedong a Deng Xiaoping», Imprensa da Universidade de Pequim, 2001, p. 349.

<sup>27</sup> Qian Ganrong, «Sinopse sobre a Teoria de Deng Xiaoping», Pequim, Editora de Fianças e Economia da China, 1999, p. 261.

<sup>28</sup> Li Hong, op. cit., p. 163.

<sup>29</sup> Lou Jie, «A Cultura Chinesa e a reunificação da Pátria-Mãe», Editora de Wu Han, 1999, p. 149.

ticas básicas estatais, descobriremos com facilidade as suas ligações internas: Ambas insistem no princípio de “Uma só China”, na necessidade da reunificação da nação, na afirmação de que a República Popular da China é o único representante governamental legítimo, não podendo, por isso, as autoridades de Taiwan ser mais do que um governo local ou duma região especial que controla um território administrativo a nível provincial, na oposição à criação de “duas Chinas” ou, então, de “Uma China e um Taiwan”; sendo ambas projectos práticos que dizem directamente respeito à resolução pacífica do problema de Taiwan que dão realce a uma solução do problema de Taiwan mediante métodos pacíficos. Além disso, ambas reconhecem a República Popular da China como o corpo do Estado chinês e o seu governo como o poder central. Na condição prévia de as autoridades de Taiwan serem um governo local, Taiwan poderia manter o sistema social em vigor e as suas forças armadas e gozar de uma autonomia de alto grau. Ainda, ambas destacam que quem representa o país nas Nações Unidas e na sociedade internacional é o Governo da República Popular da China e, portanto, que as autoridades de Taiwan deixam de ter o direito de representar o país; bem como que o problema de Taiwan deve ser do foro dos assuntos internos da China, tentando, assim, opor-se a qualquer conspiração de internacionalizar a questão de Taiwan e procurando defender, com toda a firmeza, a soberania chinesa e da sua integridade territorial. Por fim, ambas destacam a igualdade e a confiança mútuas, a defesa dos grandes interesses nacionais e a responsabilidade com os vindouros e a história, por isso, em “um programa com quatro pontos” já estavam criados os princípios básicos, justos e objectivos, para a política nacional de “Um país, dois sistemas”.

“O ideal da reunificação da nação é o ponto de partida da estratégia do Partido Comunista para com Taiwan e advém da síntese de experiências para a grande empresa da reunificação da nação, lançada pelo Partido Comunista da China . A política básica nacional de “Um país, dois sistemas” e o ideal da reunificação da nação, baseado na política de “Um programa com quatro pontos” são idênticos nos seus princípios básicos”<sup>30</sup>.

Taiwan e o Continente da China, isto é, ambos os lados do estreito de Taiwan estão a marchar em direcção à reconciliação e à pacificação. Devido às grandes diferenças de poder e ideais básicos, é extremamente

importante aumentar os pensamentos reflectidos e abertos sobre o assunto, e, ainda, haver empenho nos seguintes pontos básicos:

1. A existência do problema de Taiwan constitui uma sequela da guerra civil chinesa que se verificou nos últimos anos da década 40 do século XX, mas Taiwan e o Continente chinês são partes inalienáveis do mesmo território .
2. Após 1949, quem realiza os actos soberanos de Estado, em representação da China, é o Governo Central da República Popular da China. As autoridades de Taiwan, que são um poder local com um determinado âmbito geográfico, não podem continuar a representar o povo chinês seja de ponto vista jurídico, seja de facto.
3. A resolução final do problema de Taiwan seja por um método pacífico ou não, constitui um assunto interno da China, o que é um direito inalienável do povo chinês. Há o empenho em conseguir, de maneira pacífica, a reunificação dos dois lados do estreito de Taiwan, mas não se abandona a possibilidade duma resolução não pacífica.
4. A resolução do problema de Taiwan deve ter como condição prévia não prejudicar os interesses fundamentais dos habitantes dos dois lados do estreito de Taiwan. Daremos a maior atenção ao estatuto e à situação dos compatriotas de Taiwan.
5. A integridade territorial e a reunificação da soberania e da administração representam dois interesses fundamentais do povo chinês. Não se admite nenhuma intervenção estrangeira, bem como nenhuma divisão da China em dois corpos soberanos.
6. Após a reunificação, no Continente da China e em Taiwan aplicar-se-ão regimes sociais diferentes sem interferências mútuas. Isto é o que se chama “Um país, dois sistemas”. De acordo com compromissos assumidos pelo Continente chinês, assumidos por Deng Xiaoping, Jiang Zemin e Qian Qichen em repetidas ocasiões, Taiwan poderá conservar as suas forças armadas e manter a actual estrutura governamental. Trata-se dum modelo mais tolerante da prática de “Um país, dois sistemas”, em relação ao aplicado em Hong Kong e Macau.
7. A linha básica do Continente para a promoção da reunificação pacífica dos dois lados do estreito de Taiwan é o princípio de

“Uma só China”, cuja definição-padrão consiste em: “No Mundo existe só uma China. O Continente e Taiwan pertencem à mesma China. A soberania e a integridade territorial do país são indivisíveis. Só o empenho no princípio de “Uma só China” poderá conduzir à realização da reunificação pacífica”<sup>31</sup>.

Quanto ao modelo de “Um país, dois sistemas”, a aplicar em Taiwan no futuro será certamente mais tolerante do que os de Hong Kong e Macau, como bem frisou Qian Qichen no discurso proferido no «Fórum da China do século XXI e o Mundo», realizado no dia 10 de Setembro de 2001. Recordem-se as suas palavras “Um país, dois sistemas” é o melhor modelo da reunificação dos dois lados do estreito de Taiwan. A resolução do problema de Taiwan dentro do molde de “Um país, dois sistemas” poderá beneficiar duma política mais tolerante do que a aplicada em Hong Kong e Macau. Por exemplo, Taiwan poderá continuar: a usar o dólar de Taiwan; a manter as suas forças armadas; a formar uma zona alfandegária independente; a manter a sua estrutura governamental Além disso, o Continente da China não receberá impostos de Taiwan; o modo de vida do povo manter-se-á; os empresários de Taiwan conservarão as propriedades já adquiridas; Taiwan terá plena autonomia nos assuntos de nomeações pessoais; o Continente não enviará funcionários para desempenhar cargos em Taiwan, etc”<sup>32</sup>. Da supracitada política, os dois pontos mais importantes são: 1. A manutenção das forças armadas por parte de Taiwan, diferentemente do que sucedeu em Hong Kong e Macau para onde foram mandadas guarnições pelo Governo Central; 2. A manutenção da estrutura governamental, não sendo necessário como em Hong Kong e Macau proceder-se à eleição de novos chefes do executivo nomeados pelo Governo Central. Nem tão-pouco será preciso reorganizar as estruturas administrativa, legislativa e judicial que possuem características locais.

Devido a interferências internacionais, o objectivo de aplicar “Um país, dois sistemas” e a reunificação pacífica de Taiwan está por atingir, mas nas relações entre os dois lados do estreito de Taiwan já se verifica-

---

<sup>31</sup> Qian Qichen, «Intervenção no colóquio comemorativo dos 8 pontos de Jiang Zemin sobre a resolução do problema de Taiwan, promovido pelos círculos de Pequim», in «Diário do Povo», edição de 27 de Janeiro de 1998, p. 1.

<sup>32</sup> «Jornal de Macau», página A4 da edição de 11 de Agosto de 2001.

ram profundas mudanças nunca anteriormente alcançadas. Nos últimos 20 anos, desde a reforma e a abertura, os habitantes de Taiwan que vieram ao Continente para efeitos de visita a familiares, para fazer turismo, ou realizar quaisquer intercâmbios e negócios constituem um importante factor de desenvolvimento impossível de travar e desempenham uma função decisiva para ambas as partes do estreito de Taiwan, sobretudo para a economia de Taiwan que se encontra numa situação cada vez mais difícil, lançando, assim, os alicerces para a reunificação pacífica de ambos os lados do estreito de Taiwan. Finalmente, a resolução do problema de Taiwan não será possível sem uma aplicação flexível do princípio “Um país, dois sistemas”, sem iniciativas racionais dos habitantes dos dois lados do estreito de Taiwan, sobretudo sem a mudança dos 4 factores — político, militar, económico e cultural do lado do Continente. É ainda de notar que o resultado destas mudanças, em relação a Taiwan, deve surgir como vagas que se sucedem. Deste modo, o factor político é o último resultado e o militar é um factor preparativo necessário, mas o factor mais prático e eficaz é o da cooperação, em termos económicos e culturais. Bastaria, assim, ao Continente manter a linha de “um centro com dois pontos básicos”, sem interferências, desde que o terceiro objectivo, que reside na construção de uma sociedade com folgança mínima e na modernização, possa ser cumprido. Quando o Continente chinês reunir mais poderio económico, conseguir melhores resultados de desenvolvimento e tiver mais necessidade de consumos múltiplos, isto é, quando o campo magnético do Continente atrair completamente Taiwan, a reunificação pacífica dos dois lados do estreito de Taiwan terá o seu tempo de colheita, com os frutos bem amadurecidos e numa forma natural.

#### *4.3. HONG KONG E MACAU TIVERAM A FORTUNA DE SER REGIÕES ADMINISTRATIVAS ESPECIAIS EM VIRTUDE DA PRÁTICA DE “UM PAÍS, DOIS SISTEMAS”*

Hong Kong e Macau, duas cidades que se situam na foz do Rio das Pérolas, foram reintegrados na China no final do século XX. Isto não constitui somente uma prova fundamental da sabedoria política de Deng Xiaoping ao lançar “Um país, dois sistemas”, desde a reforma e abertura, mas também uma evidente prova da sabedoria política de Mao Zedong e Zhou Enlai. Eles suspenderam a questão de Hong Kong, isto é, optaram por “não mexer nele temporariamente”, quando tinham todo o poderio militar chinês à porta de Hong Kong, inclinando-se, antes, para a políti-

ca de “Planeamento a longo prazo e utilização exaustiva”. Esta é a origem daquela. Aquela constitui um desenvolvimento criativo desta.

No momento em que a nossa nação no seu conjunto conseguiu o nível de folgança mínima, em que mais de duas décadas de reformas e abertura já trouxeram benefícios materiais visíveis e palpáveis a todo o povo chinês e em que a América do Norte, a Europa Ocidental e a Ásia Pacífica, os três grandes blocos do desenvolvimento mundial estão a braços com o abrandamento do consumo interno, alta taxa de desemprego e a falta do crescimento económico, a China é um “Eldorado”, onde se aplica uma economia de mercado socialista, cuja pujança tem efeitos continuados. Neste momento, sentimos uma profunda nostalgia por Deng Xiaoping, o grande timoneiro do barco chinês e mentor geral das viragens e não nos podemos esquecer dum factor muito importante neste processo de grandes viragens no país, que é a introdução atempada de capitais estrangeiros. Dos “capitais estrangeiros” introduzidos em 2001, que totalizam 3 935 000 000 dólares norte-americanos, mais de a metade provém de Hong Kong.

Hong Kong e Macau, dos anos 50 aos 70 do século XX, quando a China era objecto de boicote, desempenharam funções especiais e insubstituíveis. Sem risco, pode-se afirmar que não fora clarividência de Mao Zedong e Zhou Enlai e a história, inclusive, a de após a reforma e abertura teria tido outra leitura.

Pelos anos 50 do século XX, no início da fundação da República Popular da China, a intenção do Comité Central do Partido Comunista Chinês em relação a Hong Kong e Macau era deixar esta questão temporariamente de lado. A decisão de Mao Zedong e Zhou Enlai de manter o *status quo* de Hong Kong e Macau baseou-se em duas ordens de factores: 1. Nas condições do bloqueio económico imposto pelos Estados Unidos da América e pelo Ocidente à China, após a Guerra da Correia. Assim, mantendo o *status quo* de Hong Kong e Macau poder-se-ia obter benefícios para quebrar este bloqueio; 2. Durante o processo da construção socialista, Hong Kong e Macau poderiam ser canais especiais para a Nova China, no que respeita à introdução de capitais estrangeiros, tecnologias e recursos humanos.

Em 1951, Zhou Enlai deu instruções à sucursal de Hong Kong da Agência Noticiosa Nova China nos seguintes termos: “A nossa política para com Hong Kong faz parte da nossa estratégia geral de luta contra o Ocidente. A não recuperação temporária de Hong Kong, mantendo-a

sob a ocupação da Inglaterra capitalista, não pode ser medida nem decidida pelos princípios restritos de soberania territorial. Antes da libertação nacional, já tinha sido decidido não resolver o problema de Hong Kong. A opção por uma estratégia global a longo prazo, não é fraqueza nem concessão, antes um ataque e luta activos”<sup>33</sup>. Levando em consideração uma possível interferência norte-americana no problema de Hong Kong, em 1957, Mao Zedong e Zhou Enlai formularam, oficialmente, a política de manter o *status quo* de Hong Kong e Macau para a utilidade chinesa.

Liu Shaoqi, numa sessão do Comité Permanente da Assembleia Nacional Popular, realizada em 29 de Dezembro de 1956, frisou: No nosso país, temos 90 e tal por cento de socialismo. Uma certa percentagem do capitalismo, a meu ver, não é nada temível. Um pouco de capitalismo não só serve de complemento à nossa economia, mas também de comparação entre ele a economia socialista, em alguns aspectos<sup>34</sup>. Em 1957, Zhou Enlai também afirmava: “Não podemos considerar Hong Kong como parte do interior, por isso a nossa política deve ser diferente da praticada no interior. Se copiarmos a política do interior em Hong Kong, os resultados não podem deixar de ser desastrosos. Como Hong Kong ainda se encontra sob o domínio inglês e é um mercado puramente capitalista, não pode nem deve ser transformado num sistema socialista. Hong Kong persistirá e desenvolver-se-á seguindo estritamente o seu regime capitalista, o que é benéfico para nós”<sup>35</sup>.

Mao Zedong, em 1959, tornou a frisar: “É bom que, de momento, não se recupere Hong Kong . Nós não temos pressa.” Mais tarde, nas entrevistas com os seus visitantes estrangeiros, Mao Zedong, em várias ocasiões, disse para não se falar temporariamente na questão de Hong Kong. Em 1960, Zhou Enlai formulou oficialmente a orientação geral de “Planeamento a longo prazo e utilização exaustiva” em relação aos problemas de Hong Kong e Macau<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup> Ye Zicheng,, op. cit., pp. 350 e 351.

<sup>34</sup> Yang Qinhua e Ke Jie, «Decisões de Mao Zedong e Zhou Enlai sobre a resolução do problema de Hong Kong», in «Fórum sobre o Pensamento de Mao Zedong», nº 3 de 1997.

<sup>35</sup> Ye Zicheng,, op. cit., pp. 351.

<sup>36</sup> «Intervenção na sessão do Comité Permanente da Assembleia Popular nacional», proferida no dia 7 de Dezembro de 1956, citada em Sun Zhimin, «Do novo caminho democrático à governação com base em leis», Editora do Ensino Superior de Jiangxi, 2001, pp. 180 e 181.

Em função das críticas internacionais, que usavam os problemas de Hong Kong e Macau como pretexto, o Comité Central do Partido Comunista da China, a 8 de Março de 1963, fez publicar, pela primeira vez, uma declaração nos seguintes termos: “Os problemas de Hong Kong e Macau são legados pela história e foram impostos pelo imperialismo à China mediante uma série de tratados desiguais.” Em relação a estes problemas, “A nossa posição de sempre é: quando se reunirem todas as condições necessárias, serão resolvidos mediante negociações e de maneira pacífica. Antes disso, mantém-se o *status quo*.” “O povo chinês não precisa de mostrar o seu poderio militar na questão de Hong Kong e Macau para demonstrar a sua valentia e firmeza na luta contra o imperialismo.”

No dia 8 de Março de 1972, Huang Hua, representante permanente da China junto das Nações Unidas enviou um ofício ao presidente do Comité Especial da Descolonização das Nações Unidas a dizer: “Hong Kong e Macau são partes do território chinês, respectivamente ocupados por Inglaterra e por Portugal. Resolver os problemas de Hong Kong e Macau é estritamente do foro dos assuntos no âmbito da soberania chinesa e não pertence à chamada ‘descolonização’. Por isso, Hong Kong e Macau não devem ser incluídos na lista dos territórios a ser descolonizados, compatível com a Declaração contra o Colonialismo.” No dia 8 de Novembro do mesmo ano, a 27.<sup>a</sup> Assembleia-geral das Nações Unidas, mediante uma resolução, aprovou o relatório do Comité de Descolonização, reconhecendo a posição e exigência chinesas em relação a Hong Kong e Macau.

Até 1973, Mao Zedong voltou a frisar: “Não temos pressa em relação a Hong Kong. Nem sequer vamos tocar em Macau. Caso tivéssemos a verdadeira intenção de mexer em Macau, a intervenção seria mínima, pois é um lugar fortemente controlado por Portugal desde a Dinastia Ming”<sup>37</sup>. Em 1974, Mao Zedong disse a uns ingleses: Resta a questão de Hong Kong, mas não vamos tocar nela. Quando chegar a altura, falaremos sobre ela. Esta é já uma tarefa para as gerações mais jovens<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> «Revelações de conversações secretas sino-norte-americanas entre Henry Kissinger, Mao Zedong e Zhou Enlai, nos anos 70», in «China Time», Taiwan, edição de 10 de Janeiro de 1999.

Em 1974, Zhou Enlai, já doente, ainda reiterou a adopção duma política especial para com Hong Kong e frisou que mesmo após o retorno deste território, poder-se-ia manter o capitalismo durante determinado período. Isto definiu a agenda do retorno de Hong Kong e o método negocial para resolver a questão e, também, lançou a ideia de manter inalterável o regime capitalista em Hong Kong, o que veio a ser o início histórico e lógico da orientação de “Um país, dois sistemas”<sup>39</sup>. Durante muito tempo, Hong Kong e Macau desempenharam funções muito especiais, tornando-se em objectivos da orientação de “planeamento a longo prazo e utilização exhaustiva”. Liao Chengzhi, de uma maneira figurada, descreveu Hong Kong e Macau como se fossem “duas narinas” do Continente da China. Li Hou, ex-vice-director do Gabinete de Hong Kong e Macau do Conselho de Estado, após o retorno de Macau, diz nas suas memórias: “O Presidente Mao e o Primeiro-Ministro Zhou declararam ao mundo e para aos circuitos internos a política do nosso partido para com Hong Kong. Seria bom não recuperarmos, de momento, Hong Kong. Não tenhamos pressa em obter vantagens. O Primeiro-Ministro foi mais explícito ao afirmar que Hong Kong era como uma estação meteorológica, um observatório ou um centro de convívio”<sup>40</sup>.

Após a 3.ª Sessão Plenária do 11.º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês, o fulcro do trabalho nacional passou para a construção económica moderna. A situação interna nacional chinesa conheceu enormes mudanças nunca vistas anteriormente. Nesta nova situação de reforma e abertura, o grupo directivo da segunda geração do Partido Comunista, encabeçado por Deng Xiaoping, analisando bem as circunstâncias temporais, com suficientes conhecimentos históricos, e respeito pela realidade e, também, com o espírito científico de procurar a verdade dos factos, lançou a orientação de “reunificação pacífica” e “Um país, dois sistemas”, o que acelerou o processo da reunificação pacífica entre os dois lados do estreito de Taiwan.

No Ano Novo de 1979, o Comité Permanente da Assembleia Nacional Popular da China, na sua «Mensagem aos compatriotas de Taiwan»,

---

<sup>39</sup> «Decisões de Mao Zedong e Zhou Enlai sobre a resolução do problema de Hong Kong», in «Fórum sobre o Pensamento de Mao Zedong», n.º 3 de 1997.

<sup>40</sup> Gabinete de Informação e Documentação do Comité Central do Partido Comunista da China, «Crónica das grandes decisões da Nova China», Pequim, Editora Associada da Confederação Literária, 1999, pp. 213 e 214.

declarou: “Quando se resolver o problema da reunificação, serão respeitados o *status quo* de Taiwan e as opiniões de todos os círculos de Taiwan. Serão adoptadas políticas e medidas racionais para que o povo de Taiwan não sofra nenhum dano.” No mesmo dia, quando Deng Xiaoping participou numa mesa redonda, organizada pela Conferência Consultiva Política Popular da China, disse: “Hoje é um dia extraordinário. O dia de hoje tem três características: primeira, é o momento em que o fulcro do trabalho nacional se vira para a construção das 4 modernizações; segunda, as relações entre a China e os Estados Unidos da América estão normalizadas; terceira, está a ser agendada a grande empresa do retorno de Taiwan à Pátria-Mãe e a reunificação da Pátria”<sup>41</sup>. Mais tarde, ele foi mais explícito: Deixaremos de utilizar a expressão “Libertaremos Taiwan” e desde que Taiwan retorne à Pátria-Mãe, respeitaremos a sua realidade e o regime ali em vigor”.

Após a publicação da « Mensagem aos compatriotas de Taiwan », Deng Xiaoping acelerou completamente no propósito de retorno de Taiwan à Pátria-Mãe, tendo reiterado em várias ocasiões: Respeitamos a realidade de Taiwan. O sistema social de Taiwan poderá manter-se inalterável e o modo de vida do povo de Taiwan também. O rendimento do povo de Taiwan não diminuirá e conhecerá até aumentos. O problema de Taiwan constitui um assunto interno da China. É evidentemente que desejamos e procuramos uma resolução pacífica, mas não podemos assumir esta responsabilidade: além da forma pacífica, não estão excluídas outras possibilidades para conseguir a reunificação da Pátria-Mãe. Não podemos ficar de mãos atadas. “Existe uma só exigência: Uma só China, não há duas Chinas. Todos os patriotas são da mesma família”<sup>42</sup>.

A 26 de Agosto de 1981, Deng Xiaoping quando recebeu Fu Chaoshu, uma conhecida personalidade de Taiwan e Hong Kong, frisou: Em Taiwan podia não se aplicar o socialismo e manter-se o seu sistema social. O nível de vida do povo de Taiwan poderia não sofrer qualquer redução. Os capitais estrangeiros poderiam manter-se inalteráveis, além do mais poderia ter as suas próprias forças armadas. Nós tentaremos resolver o problema de Taiwan através de meios pacíficos. Taiwan poderia

---

<sup>41</sup> Citado em Liu Qianglun e Wang Taili, «A Extraordinária Sabedoria de Deng Xiaoping», Editora Contemporânea da China, 2001, p. 234.

<sup>42</sup> «Cronologia do Pensamento de Deng Xiaoping», Pequim, Edições do Povo, pp. 106, 1007 e 109.

manter o seu *status quo* e ser como uma província ou uma zona da República Popular da China, mantendo em vigor o seu regime e modo de vida deixando de haver condições prévias para as “3 comunicações” entre os dois lados do estreito de Taiwan. Por fim, a reunificação da China depende da decisão dos dirigentes e povos dos dois lados do estreito de Taiwan.

Em primeiro lugar, há a esperança de que os dirigentes dos dois lados do estreito de Taiwan realizem as intenções anteriormente referidas a título de contributo para a história da nação chinesa, o que merecerá, portanto, um lugar de destaque na história da China. É de esperar que alguns dirigentes de Taiwan devam alargar as suas perspectivas a ideais de longo prazo<sup>43</sup>.

A 30 de Setembro de 1981, em nome de Ye Jianying, Presidente do Comité Permanente da Assembleia Nacional Popular, foi publicada a «Política orientadora sobre a reintegração de Taiwan na Pátria-Mãe e a reunificação pacífica da nação chinesa». Neste documento, apelidado dos “Nove pontos de Ye”, defende-se que: “Após a reunificação do Estado, Taiwan poderá gozar, na qualidade duma região administrativa especial, de uma autonomia de alto grau e poderá manter a suas forças armadas”. “Tanto os regimes social e económico como o estilo de vida em vigor manter-se-ão inalteráveis. As suas relações económicas e culturais com o resto do mundo também se manterão inalteráveis. As propriedades privadas, as propriedades de casas, terras e empresas, heranças legítimas e investimentos estrangeiros serão invioláveis.” Este documento não foi apenas uma concretização de “um programa com quatro pontos” em novas circunstâncias, mas também delineou quase todos os contornos do que veio a ser definido, mais tarde, como “Um país, dois sistemas”.

A 10 de Janeiro de 1982, quando Deng Xiaoping recebeu um amigo estrangeiro, disse-lhe: «Os nove pontos’, embora tenham sido lançados em nome do Presidente Ye, são, de facto, “Um país, dois sistemas”. Os dois sistemas são permitidos. Eles não deverão prejudicar o sistema do Continente e nós não vamos prejudicar o deles<sup>44</sup>. Aqui, pela primeira vez, o pensamento de “Um país, dois sistemas” foi exposto numa lingua-

---

<sup>43</sup> Idem, p. 200.

<sup>44</sup> «A Extraordinária Sabedoria de Deng Xiaoping», p. 235.

gem estandardizada. Em Outubro de 1982, Deng Xiaoping disse, não iremos reunificar Taiwan com os nossos regimes e pensamentos, nem eles poderão fazer o mesmo com o Continente. Só nesta base é que se pode falar em cooperação e numa tolerância mútuas; cada um com os seus sistemas. Só desta maneira, não acontecerá nenhuma anexação mútua. É irreal que nós tentemos reunificar Taiwan com o nossos sistema e pensamento. Isto seria impossível, pois ao fazê-lo, teríamos de recorrer à força, por isso nós não optamos por este método. O nosso objectivo é a reunificação e a nossa mira os interesses da nossa nação<sup>45</sup>.

Em Junho de 1983, Deng Xiaoping tornou a frisar: “Após a reunificação da Pátria-Mãe, a região administrativa especial de Taiwan poderá contar com a sua independência, poderá aplicar um sistema diferente do Continente, contará com uma independência judicial, cuja última instância não passará por Pequim. Taiwan poderá ter as suas próprias forças armadas, desde que não constituam ameaça para o Continente. O Continente não mandará ninguém para Taiwan. Não serão enviadas forças armadas, nem tão-pouco funcionários administrativos para lá. Todo o sistema partidário, político e militar, etc., será administrado por Taiwan. O Governo Central vai deixar algumas vagas nos cargos centrais para Taiwan”<sup>46</sup>.

A boa vontade do Partido Comunista Chinês foi aceite por Taiwan. Ao que se sabe, Jiang Jinguo mandou, em sigilo, Shen Chengxian, um general do Exército do Partido Nacionalista na reserva, a Pequim em três ocasiões para discutir as questão da reunificação da Pátria-Mãe. O enviado foi recebido por Deng Xiaoping, Yang Shangkun, Ye Jianying e Deng Yingchao, entre outros dirigentes do Partido Comunista Chinês e do Estado chinês. A 29 de Março de 1987, Shen Chengxian voltou a Taipei com uma carta pelo punho de Yang Shangkun, Presidente da República Popular da China, dirigida a Jiang Jinguo e entregou-a pessoalmente ao destinatário. No dia 4 de Abril, Jiang Jinguo disse a Shen Chengxian: “Parece-me que o Partido Comunista da China está com boa vontade. São viáveis as negociações entre os comités centrais dos dois Partidos”. “Agora já é altura de tomar uma decisão”<sup>47</sup>. Pena é que no dia

---

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> «Obras Escolhidas de Deng Xiaoping», vol III, Pequim, Edições do Povo, 1993, pp. 30.

<sup>47</sup> Revista «Defesa nacional», n.º de 2000, p. 3.

13 de Janeiro de 1983, Jiang Jinguo tenha falecido de repente. A sua morte gorou os esforços da aproximação entre os dois lados do estreito de Taiwan e trouxe novas dificuldades à grande empresa da reunificação da nação chinesa.

A 24 de Setembro de 1982, quando Deng Xiaoping recebeu Margaret Thatcher, Primeira-Ministra britânica, expôs-lhe detalhadamente a posição do Governo chinês em relação à solução do problema de Hong Kong, mediante a fórmula de “Um país, dois sistemas”. Sobre a questão da soberania, “a China acha que nesta questão não há margem de manobra. Francamente, a questão da soberania não é discutível. Estão agora reunidas todas as condições. Deve ficar bem claro: em 1997, a China recuperará Hong Kong. Isto quer dizer que a China não só recuperará os Novos Territórios, como também a ilha de Hong Kong e Kowloon. Outra questão refere-se ao modelo com que após 1997, a China vai administrar e manter a prosperidade de Hong Kong. “A manutenção da prosperidade Hong-Kong, no seu essencial, dependerá duma política adequada, depois do retorno do território à China e quando ele estiver sob a administração chinesa. Os sistemas político e económico agora vigentes em Hong-Kong, bem como a maioria das leis poderão ser mantidos”<sup>48</sup>. Evidentemente, será preciso introduzir algumas reformas. Hong Kong continuará com o seu capitalismo e muito do que se encontra em vigor vai ser conservado. Uma terceira questão é a seguinte: entre os governos chinês e britânico deve ficar bem discutido como é que, a partir de agora e até 1997, isto é, num período 15 anos, se evita que surja grande agitação em Hong Kong. Esta declaração importante de Deng Xiaoping acerca de «A nossa posição básica sobre o problema de Hong Kong» significou que chegara a melhor altura de resolver definitivamente os problemas de Hong-Kong e Macau, mediante “Um país, dois sistemas”.

Em Fevereiro de 1984, quando Deng Xiaoping recebeu uma delegação do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais da Universidade de Georgetown dos Estados Unidos da América, foi mais explícito ao afirmar: “Após a reunificação, Taiwan poderá continuar com o seu capitalismo e o Continente da China, com o seu socialismo, mas integrados numa China reunificada. Teremos uma China com dois sistemas e o

---

<sup>48</sup> «Obras Escolhidas de Deng Xiaoping», vol III, p. 49.

mesmo sucederá com Hong Kong”<sup>49</sup>. Como tal, o pensamento de “Um país, dois sistemas” passou a ser o fundamento teórico para a resolução dos problemas de Hong Kong e Macau, legados pela história, tendo-se iniciado oficialmente a fase histórica da sua aplicação.

Resolver os problemas do retorno de Hong Kong e Macau à Pátria-Mãe, mediante “Um país, dois sistemas”, a fim de concretizar a grande empresa da reunificação pacífica da nação chinesa, é uma das grandes características da China socialista e, também, uma grande inovação no empenho da abertura. Como disse Deng Xiaoping: “Temos um sistema social com características chinesas. Uma delas, aliás muito importante, é a resolução dos problemas de Taiwan, Hong Kong e Macau, que se resume em “Um país, dois sistemas”<sup>50</sup>. Esta novidade não foi lançada nem pelos Estados Unidos da América, nem pelo Japão, nem pela Europa, nem pela União Soviética, mas sim pela própria China, o que significa ter características chinesas”<sup>51</sup>. São inalteráveis a posição, as orientações e a política seguidas pelo Governo chinês em relação à resolução do problema de Hong Kong . Isto é: “Os sistemas social e económico vigentes em Hong Kong, as suas leis básicas, o seu modo de vida, o seu estatuto de porto franco e de centro do comércio e finanças internacionais não se modificam . Hong Kong poderá continuar a manter as relações económicas com outros países e territórios e desenvolvê-las.

Mas a solução definitiva do problema de Taiwan requeria, ainda, paciência. Deng Xiaoping foi peremptório e não perdeu tempo a aplicar, com sucesso, a fórmula de “Um país, dois sistemas” a Hong Kong e Macau, que constituem dois grandes problemas legados pela história. A resolução do problema de Hong-Kong, começou no dia 29 de Março de 1979, quando Deng Xiaoping recebeu o governador de Hong Kong Murray Maclobose, e terminou entre a meia-noite do dia 30 de Junho de 1997 e o dia 1 de Julho, quando se realizou a cerimónia da transferência dos poderes de Hong Kong da Inglaterra para a China. Foi percorrido um caminho de 18 anos. O retorno oficial do Hong-Kong à Pátria-Mãe simboliza que o povo chinês conseguiu livrar-se duma humilhação de que foi objecto durante uma centena de anos. Representa um passo em

---

<sup>49</sup> Idem, p. 13.

<sup>50</sup> Idem, p. 12.

<sup>51</sup> Idem, p. 218.

frente muito importante na grande empresa da reunificação da Pátria-Mãe, levada a cabo pelo povo chinês. Desde 30 de Julho de 1986, quando a China e Portugal iniciaram a primeira ronda negocial sobre o futuro de Macau até 19 de Dezembro de 1999 para a madrugada do dia 20, data da realização da cerimónia da transferência dos poderes de Portugal para China, passaram 13 anos e meio de grande sucesso na fórmula de “Um país, dois sistemas”. Foi mais uma vitória histórica conseguida na grande empresa da reunificação pacífica da nação chinesa, promovida pelos dirigentes chineses da terceira geração, com Jiang Zemin à frente e a seguir a transferência dos poderes de Hong Kong. O significado do regresso de Macau à China não é nada inferior ao do retorno de Hong Kong. A reintegração de Macau simboliza o fim do regime colonialista no país e em todo o Oriente e o início oficial de uma grande era em que os chineses começam a exercer a sua soberania de Estado dum maneira autónoma e plena.

## 5. “UM PAÍS, DOIS SISTEMAS” — UMA PROVA FUNDAMENTAL DE INOVAÇÕES TEÓRICAS EM DIVERSAS ÁREAS

### 5.1. *EMPENHAR-SE NO PENSAMENTO DE ABERTURA*

A teoria de “Um país, dois sistemas” foi lançada no início da era da reforma e abertura. Nessa altura, o culto pessoal e os “dois tudo” (???) ainda tinham influência. As novas linhas de desenvolvimento ainda estavam por completar e o novo sistema de consciência por formar, por isso, esta teoria representa, em primeiro lugar, um resultado positivo da procura da verdade dos factos, além de ser um símbolo muito importante do bom sucesso da reforma e abertura.

Deng Xiaoping considerou a abertura como uma questão estratégica que devia ser mantida a longo prazo, ao afirmar: “Durante muito tempo, manteremos a abertura ao mundo e estaremos dispostos a estabelecer e desenvolver as relações diplomáticas, económicas e culturais com todos países, em pé da igualdade e com base nos 5 princípios da coexistência pacífica...”, “...se precisámos da política de abertura neste século, então nos primeiros 50 anos do século vindouro também não a poderemos afastar, para que a China se aproxime do nível dos países desenvolvidos”. Caso se mantenha esta política de abertura inalterável nos próximos 50 anos, então na segunda metade do século, teremos um intercâmbio económico mais frequente com a comunidade internacional,

em dependência mútua estreita e inseparável, tornando, assim, a política de abertura definitiva”<sup>52</sup>.

“Qualquer país que se queira desenvolver, não o conseguirá fazer fechando-se sobre si mesmo. Já sofremos muito com isso e os nossos antepassados também sofreram muito. ... Após a fundação da República Popular da China, o primeiro plano nacional quinquagésimo revelaria abertura, mas apenas dirigida para a União Soviética e para a Europa Oriental. Mais tarde, a porta fechou-se, apesar de alguns êxitos, que, no seu conjunto, foram pouco consideráveis. Evidentemente, ainda havia outros factores internos e externos que contribuíram para esta situação, incluindo os nossos erros. As experiências e lições históricas compraram que a abertura é indispensável.” “Se a China se quer desenvolver, livrar-se da pobreza e do atraso, deve abrir-se. A abertura não quer dizer só abrir-se ao intercâmbio com o mundo de fora, mas também significa assimilar as experiências internacionais”<sup>53</sup>.

Sem a abertura, os resultados da civilização humana não podem ser assimilados por nós; da mesma maneira, não haverá trocas nem se pode “achinesar” conhecimentos e experiências estrangeiras; a não abertura induzirá a conceitos feudais, arbitrariedades e ao autoritarismo, sem abertura não haverá referências para o desenvolvimento e não se poderá mostrar o carácter progressista dum determinado sistema, portanto, a abertura não só significa abrir as portas duma nação de há muito encerrada, mas também abrir a porta da sabedoria duma nação que contém em si um grande potencial. Os dois sistemas, sejam eles apelidados de capitalista ou socialista, são complementares e devem ser submetidos à prática

Deng Xiaoping considerava que mesmo em relação às matérias capitalistas, se devia ter uma atitude científica, reiterando que o socialismo “tem de assimilar e aprender, de uma maneira audaciosa, com todos os resultados da civilização, por isso se deve assimilar e aprender com todas as formas do comércio e gestão avançadas dos países do mundo hoje, inclusive dos países desenvolvidos capitalistas que reflectem as leis produtivas da sociedade moderna.” Ele sublinhou: “O corpo da China é o socialismo, mas deve ser permitido que em algumas regiões do seu território se aplique o sistema capitalista, por exemplo, em Hong Kong

---

<sup>52</sup> Idem, p. 58.

<sup>53</sup> Idem, pp. 32, 70 e 103.

e Taiwan. O Continente vai autorizar a entrada de capitais estrangeiros em algumas cidades e isto é um complemento da economia socialista benéfico para o desenvolvimento da força produtiva da sociedade socialista”<sup>54</sup>. O sistema socialista do Continente é o corpo e a grande condição prévia é “Um país, dois sistemas”. Sob esta condição prévia, é permitido que, ao nosso lado, em regiões reduzidas e em âmbitos pequenos se aplique o capitalismo. Temos a certeza de que a autorização da existência do capitalismo em âmbitos reduzidos será benéfico para o desenvolvimento do socialismo”<sup>55</sup>. Ao falar das relações entre os dois sistemas de “Um país, dois sistemas”, Deng Xiaoping reiterou: “É preciso ver dois aspectos de “Um país, dois sistemas”. Por um lado, a autorização da aplicação do capitalismo em algumas zonas especiais dum país socialista não pode ser temporária, mas, antes, deve ter uma duração de dezenas ou centenas de anos; por outro lado, é preciso decidir tomar como corpo do Estado o socialismo, de outra maneira, como é que se pode dizer que são dois sistemas? Se assim não fosse haveria apenas um sistema”<sup>56</sup>.

Num discurso proferido por Deng Xiaoping, na sua viagem ao Sul da China, efectuada em 1992, ele foi mais directo ao sublinhar: “Quando a reforma e abertura marcarem passo, sem actos audaciosos, é porque, ao fim e ao cabo, há medo do número crescente das coisas capitalistas e, portanto, de seguir o caminho capitalista. O problema vital aqui é poder vir a ser apelidado de capitalista ou socialista. O critério para a avaliação deve ser se é benéfico ou não para desenvolver a força produtiva da sociedade socialista, para aumentar o poder geral dum país socialista como o nosso e para aumentar o nível de vida do nosso povo”<sup>57</sup>. É neste sentido que se afirma que “Um país, dois sistemas” constitui um sinal muito importante do socialismo com características chinesas. Deng Xiaoping chegou a afirmar: “O que estamos a fazer é um socialismo com características chinesas, por isso, elaborámos a política de “Um país, dois sistemas” e autorizamos a coexistência dos dois sistemas”<sup>58</sup>. “O nosso é um sistema socialista com características chinesas. Falando destas características, um dos princípios fundamentais é “Um

---

<sup>54</sup> Idem, pp. 30 e 266.

<sup>55</sup> Idem, p. 59.

<sup>56</sup> Idem, p. 103.

<sup>57</sup> Idem, p. 219.

<sup>58</sup> Idem, p. 372.

país, dois sistemas”, que é o nosso princípio para a resolução dos problemas de Hong Kong, Macau e Taiwan”<sup>59</sup>.

Os bens materiais e espirituais da sociedade moderna fazem parte do conjunto da civilização humana, que dificilmente poderão ser separados ou monopolizados por factores políticos ou étnicos. Por isso, sem utilizar os resultados já conseguidos pelo capitalismo nas áreas de ciência, tecnologia e cultura, o socialismo, que ainda se encontra numa fase inicial do seu desenvolvimento, não poderá passar a uma fase intermédia e, mais tarde, superior. Quer dizer, os países socialistas que se encontram numa fase relativamente atrasada nas áreas económica e cultural, se quiserem alcançar e superar os países capitalistas, que levam vantagem nas áreas de ciência, tecnologia e economia deverão servir-se de maneira racional do capital já acumulado no mundo capitalista, das suas ciência, tecnologia e experiências de gestão. Taiwan, Hong Kong e Macau de hoje atingiram praticamente o nível do desenvolvimento dos países de categoria média ou na proximidade deles e fazem parte directa do mercado internacional, de maneira que uma utilização exaustiva dos recursos das 3 localidades é uma via eficaz para a construção da modernização socialista, servindo de “meio caminho andado”.

#### *5.2. UMA COMBINAÇÃO CIENTÍFICA ENTRE O PODER CENTRALIZADOR E O SISTEMA FEDERALISTA*

Em 1984, Deng Xiaoping explicou o seguinte sobre “Um país, dois sistemas”: “A nossa política aplica a teoria de “Um país, dois sistemas”. Concretamente, dentro da República Popular da China, para uma população de 1000 milhões de habitantes do Continente, aplica-se o sistema socialista. Em Hong Kong e Taiwan aplica-se o sistema capitalista”<sup>60</sup>. “Os dois sistemas” referem-se aos sistemas capitalista e ao socialista, o que constitui inovação para os regimes estatais, na medida em que nas duas regiões administrativas especiais, Hong Kong e Macau, se vai aplicando uma autonomia de alto grau que conserva o sistema capitalista em vigor, sob a fórmula de “Um país, dois sistemas”. No sistema estatal que se caracteriza por um poder centralizador, começaram a aparecer algumas características de federalismo. Isto é, no que se refere às

---

<sup>59</sup> Idem, pp. 217 e 218.

<sup>60</sup> Idem, p. 58.

relações entre o poder do Governo Central e os poderes locais, portanto entre as partes e o todo não há um poder centralizador propriamente dito. “Um país, dois sistemas” no que toca às relações entre o Governo Central e as autarquias, entre o todo e as partes, não é federalismo, nem poder centralizador, mas, sim, uma nova forma de Estado que resulta da sabedoria chinesa, com a combinação das características das duas formas, isto é, do federalismo e do poder centralizador”<sup>61</sup>. Caso o problema de Taiwan acabe por ser resolvido, mediante o método pacífico, ao se transformar numa região administrativa especial, dotada de políticas mais tolerantes, sob a orientação de “Um país, dois sistemas» esta nova forma de Estado terá mais características chinesas e será uma prova do espírito inovador sem precedentes.

Num país socialista onde vigora um só regime social, a autorização para a criação de regiões administrativas especiais representa um conteúdo importante da orientação de “Um país, dois sistemas”. As duas regiões administrativas especiais de Hong Kong e Macau, criadas segundo este modelo, gozam dum estatuto jurídico igual ao duma zona administrativa a nível provincial, ou das regiões autónomas ou municípios directamente subordinados ao Poder Central. Ao mesmo tempo contam com um estatuto jurídico que corresponde ao duma região autónoma de alto grau. A originalidade das duas regiões administrativas especiais de Hong Kong e Macau reside nelas manterem um sistema social completamente diferente do de outras províncias, regiões autónomas ou municípios directamente subordinados ao Poder Central e, também, no facto de gozarem duma autonomia de alto grau, muito superior à de outras províncias, regiões autónomas ou municípios directamente subordinados ao Poder Central. Trata-se dum avanço significativo em relação aos poderes autárquicos tradicionais de um país com regime único, que manifesta características dum regime misto.

### 5.3. O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO DA COEXISTÊNCIA PACÍFICA

Deng Xiaoping, ao fazer uma síntese comparativa das novas características da situação e das práticas sociais na China e no resto mundo, foi muito claro ao afirmar: “Pensamos agora com mais maturidade em usar o princípio da coexistência pacífica para resolver alguns dos proble-

---

<sup>61</sup> Ye Zicheng, op. cit., p. 358.

mas internos do país e talvez não seja um mau método. De acordo com a prática chinesa, lançámos “Um país, dois sistemas” para resolver o problema da reunificação da China, o que constitui mais uma prática da coexistência pacífica”<sup>62</sup>. É, sem dúvida, o desenvolvimento mais recente da teoria tradicional da coexistência pacífica.

Levando em consideração a história e a realidade respectivamente do Continente, Hong Kong, Macau e Taiwan, não será conveniente optar por uma solução de anexação dos pequenos pelos grandes ou vice-versa e muito menos recorrer à força, por ser prejudicial para as partes. Resolver os problemas de Taiwan, Hong Kong e Macau, mediante “Um país, dois sistemas”, poderá evitar a agitação política na zona Ásia-Pacífico e até em toda a comunidade internacional e será benéfico para a paz mundial e para a grande empresa da modernização da China, que precisa da mobilização de todas as forças para a sua concretização. Os habitantes do Continente, Taiwan, Hong Kong e Macau pertencem à mesma nação chinesa, têm os mesmos sentimentos, interesses e espírito nacional, assim como as mesmas tradições culturais e factores psicológicos, o que determina a possibilidade de optar por uma fórmula pacífica, sob a orientação de “Um país, dois sistemas”, para resolver a reunificação da nação chinesa e promover a prosperidade nacional, por isso, a fórmula de “Um país, dois sistemas” fornece uma nova via e um novo modelo para a reunificação pacífica de países que se encontram em estado de separação.

Extensivamente, este novo pensamento da coexistência pacífica também é aplicável à resolução de qualquer conflito, antagonismo, contradições e lutas que existam e se acumulem ou, até, se agudizem, por causa das diferenças de interesses económicos, religiosos, étnicos e nacionais. Representa uma inspiração positiva de grandes valores. A coexistência pacífica levará a humanidade a promover a criação do princípio geral de procurar semelhanças para manter as diferenças, a tolerância e actos racionais inteligentes. “Todas as contendas no mundo se deparam com soluções pacíficas ou não pacíficas. No entanto, uma coisa é certa: é preciso encontrar uma solução. Os novos problemas devem requerer novas soluções. A resolução bem sucedida do problema de Hong Kong poderá fornecer algumas pistas proveitosas para a resolução de muitos proble-

---

964 <sup>62</sup> Deng Xiaoping, «Sobre a construção dum socialismo com características chinesas», (edição revista e aumentada), Pequim, Edições do Povo, 1987, p. 84.

mas a nível internacional”<sup>63</sup>. Pelos vistos, a essência do pensamento de “Um país, dois sistemas” é a paz, que tem por máximo princípio e objectivo final fazer com que ambas as partes conflituosas saiam vencedoras. Quando ambas as partes são vencedoras, não se pode falar em perdas e em fracassos.

## 5. DESENVOLVIMENTO DA TEORIA DA FRENTE UNIDA

A partir da 3ª Sessão Plenária do 11.º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês, todo o país entrou numa nova era de desenvolvimento. A Frente Unida também se deparou com novas situações e novos quadros. O lançamento de “Um país, dois sistemas” trouxe à Frente Unida patriótica da nova era muitas características novas seja no que diz respeito ao seu carácter e objectos, seja nas suas tarefas, fazendo, por isso, com que a teoria e a prática da Frente Unida ganhem novos conteúdos, o que constitui um desenvolvimento da teoria tradicional da Frente Unida.

A fórmula de “Um país, dois sistemas” fez com que o carácter da Frente Unida da nova era seja muito diferente do passado. O patriotismo e a reunificação nacional tornaram-se grandes bandeiras da Frente Unida. Basta respeitar a nação chinesa a que pertencemos, defender a reunificação da Pátria-Mãe para que todos sejam considerados patriotas e membros das fileiras da Frente Unida patriótica. Deng Xiaoping, ao esclarecer o carácter da Frente Unida da nova época, disse: “Todos os descendentes dos Imperadores Yan e Huang seja de que forma estiverem vestidos, seja qual for a sua posição, no mínimo, têm orgulho de pertencer à nação chinesa. Os naturais de Hong Kong têm este orgulho”. “Os principais elementos do futuro governo de Hong Kong serão patriotas. O critério para o patriota é respeitar a nação a que pertence, apoiar de corpo e alma a Pátria-Mãe na recuperação da soberania sobre Hong Kong, sem prejudicar a sua prosperidade e estabilidade”. “Não exigimos que todos eles estejam de acordo com o sistema socialista. Basta amar a Pátria-Mãe e Hong Kong”<sup>64</sup>. A fórmula de “Um país, dois sistemas” reflecte e personifica plenamente esta exigência nacional, de maneira a fazer com que o povo do Continente e os habitantes de Hong Kong, Macau e Taiwan se concentrem e se reúnam sob as bandeiras da indepen-

---

<sup>63</sup> «Obras Escolhidas de Deng Xiaoping», vol III, pp. 59 e 60.

<sup>64</sup> Idem, pp. 60 e 61.

dência e reunificação nacionais, por conseguinte, o carácter patriótico da Frente Unida da nova época é mais marcante do que qualquer outra época e tem com uma conotação mais rica.

Com a prática do pensamento científico de “Um país, dois sistemas”, a denotação da Frente Unida patriótica torna-se mais extensiva, abrangendo não só as grandes massas populares de operários, camponeses, intelectuais e outros trabalhadores socialistas e patriotas, mas também todos os patriotas que apoiem a reunificação pacífica da Pátria-Mãe, incluindo todos compatriotas de Hong Kong, Macau, Taiwan e os chineses do ultramar. Pode-se dizer que abrange todos os descendentes dos Imperadores Yan e Huang. Deste modo, o pensamento de “Um país, dois sistemas” fornece formas viáveis para aumentar e reforçar a Frente Unida patriótica e é o melhor modelo e escolha para a concretização da reunificação da Pátria-Mãe e para a grande unidade nacional, além disso, também lançou melhores alicerces para a concretização da grande empresa do renascimento da nação chinesa.

## 6. UM GRANDE AVANÇO NA TEORIA CONSTITUCIONAL MODERNA

“Um país, dois sistemas” é uma fórmula científica, amadurecida por Deng Xiaoping após longa reflexão. Não só se reveste de um grande significado para a reunificação pacífica da China, mas também constitui uma aplicação e desenvolvimento inovadores para as ciências políticas e para a teoria do socialismo científico. Ao mesmo tempo, fornece novas experiências e novos métodos para a resolução pacífica de conflitos internacionais, por isso possui significado internacional. Trata-se de um conteúdo completamente novo e um avanço teórico, sem precedentes, na construção de um socialismo com características chinesas, representando o grande resultado dos estudos políticos modernos e tem um significado histórico e temporal transcendente, sendo um tema novo e uma parte muito importante da ciência constitucional e da ciência política moderna.

Caso consideremos a elaboração da Constituição Norte-americana como o ponto de referência para os 226 anos do desenvolvimento da Constituição Moderna, « Um país, dois sistemas» é único, qualquer que seja o sistema jurídico, o sistema social normalizado ou garantido por uma constituição. Mas na Constituição da China de 1982, o artigo 31.º

estabelece: “Na altura apropriada, o Estado poderá criar regiões administrativas especiais, cujos regimes serão decididos pela Assembleia Nacional Popular, mediante instrumentos legais e levando em consideração as circunstâncias concretas em que aparecerem.” Isto significa, por um lado, que o “Um país, dois sistemas” já entrou na sua fase de constitucionalização, tornando-se num objecto da garantia da lei fundamental de Estado e, por outro lado, o aumento da abrangência duma constituição socialista com características chinesas, torna-a única a nível mundial, permitindo, por isso, a coexistência de dois sistemas sociais diferentes.

Desde a 3.ª Sessão Plenária do 11.º Congresso Nacional do Partido Comunista da China, o Comité Central do Partido Comunista, sintetizando as experiências e lições históricas, obtidas desde a fundação da República Popular China, e de acordo com circunstâncias nacionais concretas, conseguiu resolver muitos dos problemas teóricos e práticos de como construir o socialismo num país atrasado e lançou uma série de teorias e políticas orientadoras sobre a construção do socialismo com características chinesas, sob a égide de “Um país, dois sistemas”, coroadas de grande sucesso. O Continente chinês, com base na propriedade pública, estabeleceu uma economia de mercado socialista, que se caracteriza por uma liberalização interna e abertura ao exterior. Pratica-se “Um país, dois sistemas” numa área económica que conta com a economia socialista do Continente como o corpo e com a economia capitalista vigente em Hong Kong, Macau e Taiwan como complemento. Trata-se dum modelo de desenvolvimento socialista completamente novo, que é uma parte muito importante do socialismo com características chinesas e representa um enorme avanço dos quadros teóricos do socialismo e uma inovação para a construção constitucional-política do socialismo. A rica conotação do pensamento de “Um país, dois sistemas” abrange os “3 passos” da estratégia de desenvolvimento, que são: “Um país, dois sistemas”, a reforma e abertura da China e a modernização do socialismo, uma combinação fruto do empenho nos princípios e nas flexões. No que toca à defesa da soberania estatal e integridade territorial, a afirmação de “um país”, com a condição prévia de “dois sistemas” e nenhum dos “dois sistemas” tentar uma acção de assimilação, portanto, sem intromissões mútuas, proporciona as relações entre uma autonomia de alto grau e a conservação de algum poder do Governo Central, a governação de Hong Kong

pelos de Hong Kong e a governação de Macau pelos de Macau, baseadas no patriotismo como o princípio fundamental e na aplicação gradual de regimes políticos democráticos adequados às circunstâncias de Hong Kong e Macau, de acordo com o princípio de avanços paulatinos para manter a estabilidade a longo prazo de Hong Kong e Macau, etc. Tudo isto torna a fórmula de “Um país, dois sistemas” mais sistematizada, tendo sido teorizada de maneira a formar uma parte importante da teoria de Deng Xiaoping e do sistema teórico da construção dum socialismo com características chinesas.